



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES-CCHLA
SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA-SEAD/UFPB
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATU SENSU* EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
COM ÊNFASE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA-CLELP

Jakelliny Almeida Santos

Letramento inclusivo no ensino de Língua Portuguesa: uma proposta de unidade didática a partir do gênero folheto

João Pessoa - PB

2026

Jakelliny Almeida Santos

Letramento inclusivo no ensino de Língua Portuguesa: uma proposta de unidade didática a partir do gênero folheto

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa, na modalidade EAD, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito de avaliação para obtenção do título de Especialista.

Linha de Pesquisa: Produção e leitura nos espaços escolares

Orientador/a: Prof. Dr. Carmem Silvia de Carvalho Rêgo

João Pessoa - PB

2026

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237l Santos, Jakelliny Almeida.

Letramento inclusivo no ensino de língua portuguesa
: uma proposta de unidade didática a partir do gênero
folheto / Jakelliny Almeida Santos. - João Pessoa,
2026.

69 f. : il.

Orientadora: Carmem Silvia de Carvalho Rêgo.

TCC (Especialização) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas Letras e Artes,
2026.

1. Letramento inclusivo. 2. Gênero folheto. 3.
Unidade didática. 4. Anticapacitismo. I. Rêgo, Carmem
Silvia de Carvalho. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 801

Jakelliny Almeida Santos

Letramento inclusivo no ensino de Língua Portuguesa: uma proposta de unidade didática a partir do gênero folheto

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa, na modalidade EAD, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito de avaliação para obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: 16/04/2026

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carmem Silvia de Carvalho Rêgo (CLELP-UFPB)
Presidente da Banca / Orientadora do TCC

Prof. Dr. Marcos Carvalho Macêdo (CLELP-UFPB)
Examinador Interno

Prof. Dr. Roger Rômulo Monteiro de Medeiros (SEDUC/Cascavel-CE)
Examinador Externo

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, cuja presença é essencial na constituição da mulher que sou e no sustento de minha trajetória.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, que me ampara e me guarda em todos os caminhos; sua presença permanece constante, mesmo nos dias mais nublados.

RESUMO

Práticas sociais excludentes, antes naturalizadas, vêm sendo questionadas no contexto contemporâneo. Por sua relação com a linguagem, o letramento inclusivo surge como resposta às estruturas que reforçam o capacitismo e a segregação. Este trabalho propõe a elaboração de uma unidade didática (UD) a partir do gênero textual folheto, destinada a estudantes da educação básica, com o objetivo de estimular reflexões sobre práticas inclusivas e ampliar a conscientização anticapacitista. A pesquisa, de caráter qualitativo, desenvolve-se em três etapas: levantamento do estado da arte, produção da UD e análise interdisciplinar do material. Fundamenta-se em autores clássicos como Magda Soares (2019), Angela Kleiman (1995), Roxane Rojo (2009) e Paulo Freire (1968), que discutem Letramentos e Pedagogia Crítica, além de estudos recentes de Amanda Nunes de Souza (2023), sobre práticas de inclusão social, e Marina Savordelli Versolato (2023), acerca da formação na perspectiva do Letramento Inclusivo. No que concerne aos gêneros textuais, contamos com Marcuschi (2008) e, especificamente sobre o folheto, Almeida e Anjos (2021) e outros. Com base em uma abordagem pós-crítica da linguagem, o estudo demonstra que o ensino de língua portuguesa pode favorecer a formação cidadã ao promover a leitura e a escrita como práticas contextualizadas, permitindo que os estudantes estudem e compreendam a língua atravessada por suas dimensões sociais.

Palavras-chave: Letramento Inclusivo. Gênero Folheto. Unidade Didática. Anticapacitismo.

Inclusive literacy in Portuguese language teaching: a proposal for a teaching unit based on the pamphlet genre

ABSTRACT

Excluded social practices, once naturalized, have increasingly been questioned in the contemporary context. Due to its intrinsic relationship with language, inclusive literacy emerges as a response to structures that reinforce ableism and segregation. This study proposes the development of a didactic unit (DU) based on the textual genre leaflet, aimed at basic education students, with the purpose of fostering reflections on inclusive practices and expanding anticapacitist awareness. The qualitative research unfolds in three stages: a state-of-the-art review, the production of the DU, and an interdisciplinary analysis of the material. It is grounded in classical authors such as Magda Soares (2019), Angela Kleiman (1995), Roxane Rojo (2009), and Paulo Freire (1968), who discuss Literacies and Critical Pedagogy, as well as recent studies by Amanda Nunes de Souza (2023), on social inclusion practices, and Marina Savordelli Versolato (2023), on educational training from the perspective of Inclusive Literacy. Regarding textual genres, the study draws on Marcuschi (2008) and, specifically on the leaflet, Almeida and Anjos (2021). Based on a post-critical approach to language, the study demonstrates that teaching Portuguese can contribute to citizenship education by promoting reading and writing as contextualized practices, allowing students to study and understand language as shaped by its social dimensions.

Keywords: Inclusive Literacy. Leaflet Genre. Didactic Unit. Anti-ableism.

Literacidad inclusiva en la enseñanza de la lengua portuguesa: propuesta de unidad didáctica basada en el género folleto

RESUMEN

Prácticas sociales excluyentes, antes naturalizadas, han sido cuestionadas en el contexto contemporáneo. Por su relación con el lenguaje, la literacidad inclusiva surge como respuesta a las estructuras que refuerzan el capacitismo y la segregación. Este trabajo propone la elaboración de una unidad didáctica (UD) a partir del género textual folleto, destinada a estudiantes de educación básica, con el objetivo de estimular reflexiones sobre prácticas inclusivas y ampliar la concientización anticapacitista. La investigación, de carácter cualitativo, se desarrolla en tres etapas: levantamiento del estado del arte, producción de la UD y análisis interdisciplinario del material. Se basa en autores clásicos como Magda Soares (2019), Angela Kleiman (1995), Roxane Rojo (2009) y Paulo Freire (1968), quienes discuten los Letramentos y la Pedagogía Crítica, además de estudios recientes de Amanda Nunes de Souza (2023), sobre prácticas de inclusión social, y Marina Savordelli Versolato (2023), acerca de la formación desde la perspectiva de la literacidad inclusiva. En lo que se refiere a los géneros textuales, se retoman los aportes de Marcuschi (2008) y, específicamente sobre el folleto, de Almeida y Anjos (2021). Con base en un enfoque poscrítico del lenguaje, el estudio demuestra que la enseñanza de la lengua portuguesa puede favorecer la formación ciudadana al promover la lectura y la escritura como prácticas contextualizadas, permitiendo que los estudiantes estudien y comprendan la lengua a través de sus dimensiones sociales.

Palabras clave: Literacidad Inclusiva. Género Folleto. Unidad Didáctica. Anticapacitismo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. MARCO TEÓRICO	10
2.1 Da Educação Inclusiva ao Letramento Inclusivo	11
2.2 A Produção de Materiais Didáticos	14
3. METODOLOGIA.....	17
3.1 Problemas de pesquisa	18
3.2 Hipóteses.....	18
3.3 Objetivos.....	19
3.4 Técnicas de pesquisa.....	19
4. RESULTADOS	21
5. CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE – UNIDADE DIDÁTICA	33

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, partimos da concepção de que o estudo da língua ultrapassa os limites da estrutura gramatical e da norma culta: envolve compreender e refletir como as pessoas constroem conceitos, interagem e interpretam os elementos à sua volta. A linguagem, além de ser um instrumento de comunicação, é um espaço de produção de saberes. Diante disso, compreendemos que o ensino da Língua Portuguesa deve contemplar mais que aspectos formais e reconhecer que estudar português é, também, refletir sobre práticas inclusivas diversas.

O conceito de Letramento Inclusivo emerge como resposta a essa demanda, propondo que o trabalho com leitura e escrita seja orientado para além do domínio técnico da língua, mas, sobretudo, pela formação crítica e cidadã dos estudantes. Educadores como Angela Kleiman (1995) e Paulo Freire (1968) já haviam destacado que o letramento é uma prática social e que a educação deve ser emancipatória, isto é, voltada para a transformação da realidade. É nesse horizonte que conduzimos as reflexões que fundamentam esta pesquisa.

Em diálogo com esse entendimento, articulam-se também pesquisas recentes, como as de Amanda Nunes de Souza (2023), que discute o letramento como prática de inclusão social, e de Marina Savordelli Versolato (2023), que compreende o letramento inclusivo como um conjunto de atitudes e práticas construídas nas vivências, interações e aprendizagens sociais. Além de outros estudos identificados no levantamento do estado da arte, cujas análises fortalecem o debate ao relacionar gêneros textuais, práticas digitais e propostas pedagógicas comprometidas com a valorização da diversidade.

Diante disso, produzimos uma Unidade Didática (UD) para o ensino de Língua Portuguesa centrada no gênero folheto, entendido como recurso linguístico instrutivo capaz de abordar diferentes temas sociais. A escolha do gênero apoia-se em estudos que evidenciam sua função social (Marcuschi, 2002; 2008) e seu potencial pedagógico em práticas acessíveis e multimodais (Batista, 2022). Dialoga ainda com Almeida e Anjos (2021), que analisaram o folheto digital como ferramenta crítica de conscientização. Além desse respaldo teórico, a seleção do gênero está alinhada às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que prevê seu estudo nas séries finais do Ensino Fundamental.

À luz dessas reflexões, esta pesquisa, de caráter qualitativo e documental, foi estruturada em quatro etapas: (i) levantamento do estado da arte; (ii) elaboração da Unidade Didática; (iii) análise interdisciplinar do material; e (iv) redação final do artigo. Ressalta-se que o estudo não contempla a aplicação prática da UD, mas concentra-se em sua produção e análise, fundamentadas nas correntes teóricas selecionadas.

2. MARCO TEÓRICO

Neste estudo, ao resgatar a história que circunscreve as pessoas com deficiência (PcD), observamos que elas ocupam um lugar de invisibilidade dentro das sociedades contemporâneas. A exclusão, oriunda da desinformação que gera preconceitos, silenciamentos e capacitismo, está presente em diversos ambientes comunicacionais.

Muitas vezes, pessoas com necessidades especiais enfrentam desafios significativos ao tentar se integrar socialmente e participar plenamente da vida cotidiana. Isso levanta questões importantes sobre a estrutura e a formação relacionada à educação inclusiva. Reconhecendo que o processo de aprendizagem é único para cada indivíduo, é fundamental que existam recursos e treinamentos adequados para garantir que a inclusão ocorra de maneira natural e sem constrangimentos, tanto no ambiente educacional quanto no social (Resende *et al*, 2024, p. 4 e 5).

Essas práticas, frequentemente enraizadas e cristalizadas na linguagem, refletem estruturas sociais segregadoras que precisam ser repensadas, desconstruídas e reconstruídas a partir de novas perspectivas. Essa reconstrução, de certo, é paulatina. Portanto, a movimentação precisa ser articulada a partir de várias áreas – políticas públicas, saúde, educação, cultura e outras – para que alcancemos espaços mais adequados para todos.

No contexto educacional, o desafio de lidar com as diferenças se torna uma demanda urgente, especialmente quando o ambiente escolar não contempla, de maneira eficaz, as necessidades de PcDs e/ou outras especificidades. A escola, como instituição que colabora para formação cidadã, deve ter estrutura para além do espaço físico. Afinal, quem é PcD constrói relações com pessoas que não são e, nem sempre, os estudantes típicos possuem os conhecimentos adequados acerca das vivências que circunscrevem as pessoas atípicas.

As barreiras são impostas pela estrutura limitante e segregadora das sociedades, mas nem todos os estudantes sabem disso – e se souberem, será que refletiriam criticamente sobre? Nenhuma barreira nasce com a deficiência, elas são estruturadas por impedimentos físicos, comunicacionais, atitudinais e tecnológicos que dificultam a plena participação social da comunidade PcD. Por isso, a urgência de construir diálogos e provocar atitudes de acessibilidade para todos(as). Além disso, estudos mostram um notável crescimento do acesso de PcDs às escolas, seja por cumprimento da legislação na perspectiva da Educação Inclusiva ou em decorrência do avanço do conhecimento e, conseqüentemente, de mais diagnósticos.

Diante desse panorama e considerando que vivemos em uma sociedade cada vez mais diversa, torna-se fundamental que, enquanto educadores, promovamos a conscientização de nossos(as) estudantes acerca da existência das diferenças, da legitimidade delas e da

necessidade de que nós, sujeitos não marcados pelas deficiências, ajustemos nossas práticas e posturas para garantir uma convivência verdadeiramente inclusiva e sem capacitismo.

Há diversos diálogos que podem ser viabilizados nas aulas de língua portuguesa, uma vez que existem muitos desentendimentos sobre o universo das pessoas com deficiência. Um deles é a perspectiva de que essas pessoas não são capazes de ocupar todos os espaços. As limitações físicas ou intelectuais não definem, isoladamente, a exclusão de PcDs. O problema está na forma como os espaços são organizados e na naturalização da ausência de acessibilidade. Por isso, enquanto agentes da educação, é essencial não aceitar essa realidade e agir para transformá-la. Neste trabalho, compreendemos que todos temos poder, de acordo com as esferas sociais que ocupamos, para agir em prol de uma sociedade inclusiva e anticapacitista.

Além disso, essa perspectiva está alinhada com a BNCC, uma vez que ela estabelece diretrizes e princípios que promovem a educação inclusiva. Além de definir aprendizagens essenciais, que valorizam a diversidade, para todos os estudantes. Dentre as competências gerais da educação básica, a primeira estabelece:

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (Brasil, 2017, p. 9).

A BNCC reafirma a educação como prática de transformação social ao valorizar saberes historicamente construídos e ao defender uma formação que ultrapasse a transmissão de conteúdos, promovendo sujeitos críticos e atuantes. Essa concepção converge com os princípios da educação inclusiva e perspectiva do letramento inclusivo, que pressupõem participação democrática e desenvolvimento contínuo de todos. Nesse contexto, escola e educadores têm seu papel ressignificado, demandando práticas pedagógicas que dialoguem com diferentes realidades e reconheçam a diversidade como dimensão essencial da aprendizagem.

2.1 Da Educação Inclusiva ao Letramento Inclusivo

A educação inclusiva é um conceito vinculado às práticas pedagógicas que visa garantir o direito à educação de todos os educandos, independentemente de suas condições físicas, culturais ou econômicas. Assim, pessoas atípicas e típicas são contempladas nesse processo. Segundo a Declaração de Salamanca (1994), a educação inclusiva é um direito humano fundamental e é uma das bases para que possamos contemplar uma sociedade justa e equitativa.

De acordo com Mendes (2006), a educação inclusiva pode ser entendida como um processo contínuo de transformação das práticas pedagógicas e das políticas educacionais, de modo a atender às necessidades de todos os estudantes. No entanto, a proposta deste artigo ultrapassa essa noção mais ampla de inclusão, pois busca avançar especificamente na discussão sobre Letramento Inclusivo. Para isso, torna-se necessário revisitar os marcos teóricos que, ao longo das últimas décadas, redefiniram o conceito de letramento — inicialmente associado a uma visão técnica e, posteriormente, ampliado para uma perspectiva sociocultural.

As compreensões contemporâneas sobre letramentos no Brasil têm como referência central os estudos de Magda Soares (2019), que distingue alfabetização de letramento e destaca que este último diz respeito às práticas sociais de leitura e escrita. Para a educadora, além de dominar o código é preciso atuar em eventos de letramento que façam sentido na vida cotidiana. Essa diferença inaugurou um olhar mais definido sobre o fenômeno e rompeu com a ideia de que ler e escrever são apenas habilidades individuais e neutras.

Na mesma direção, Angela Kleiman (1995) aprofunda a perspectiva sociocultural ao afirmar que o letramento é constituído por práticas sociais situadas, atravessadas por valores, identidades e relações de poder. Sua abordagem reforça que não existe um único modelo legítimo de letramento, mas múltiplos letramentos que emergem de diferentes contextos e comunidades. Essa visão dialoga com a crítica às concepções autônomas de letramento e amplia o entendimento sobre como sujeitos se engajam em práticas de leitura e escrita.

Acredito que é na escola, agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas e, portanto, acredito também na pertinência de assumir o letramento, ou melhor, os múltiplos letramentos da vida social, como o objetivo estruturante do trabalho escolar em todos os ciclos (Kleiman, 2007, p. 4).

As reflexões da pesquisadora destacam que o letramento é uma prática social situada, marcada por valores, identidades e relações de poder, o que implica reconhecer a existência de múltiplos letramentos. Ao afirmar que a escola deve assumir esses letramentos como eixo de seu trabalho, ela reforça que o ensino de línguas precisa ir além de habilidades técnicas e criar oportunidades reais de participação em práticas sociais de leitura e escrita, valorizando a diversidade dos estudantes.

Sobre o avanço das discussões acerca dos letramentos, Roxane Rojo (2009) contribuiu ao destacar os multiletramentos, enfatizando que as práticas de linguagem se transformam diante das tecnologias digitais e das múltiplas linguagens que compõem a comunicação. Para a pesquisadora, a escola precisa reconhecer essa multiplicidade e promover práticas pedagógicas

que valorizem diferentes modos de significar o mundo, considerando as identidades e os repertórios dos estudantes.

É importante destacar que esse percurso teórico dialoga com a perspectiva freireana, uma vez que Paulo Freire (1968) já defendia que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e que os processos de alfabetização e letramento devem ser orientados pela participação crítica, pela valorização da experiência dos sujeitos e pela construção coletiva do conhecimento. Sua concepção humanizadora e emancipatória da educação oferece uma base ética e política para pensar práticas de letramento que reconheçam a diversidade e promovam a inclusão.

É nesse cruzamento de contribuições epistemológicas que se torna possível aproximar o debate acerca dos letramentos das discussões sobre inclusão. Afinal, se os letramentos são de natureza social, plural e situada (Soares, 2019; Kleiman, 1995; Rojo, 2009) e se a educação deve ser dialógica, crítica e humanizadora (Freire, 1968), torna-se coerente refletir sobre um letramento inclusivo. Essa perspectiva não se limita a adaptar práticas já existentes, mas implica reconhecer e valorizar a diversidade como ponto de partida para a construção de experiências significativas de leitura e escrita.

Diante dessas reflexões, o letramento inclusivo emerge como uma ampliação tanto da educação inclusiva quanto das teorias contemporâneas dos letramentos. Essa perspectiva compreende que os estudantes constroem modos de pensar e agir a partir de práticas de leitura e escrita que reconhecem suas singularidades. Segundo Souza e Cantero (2024), o letramento inclusivo considera as diferentes realidades e contextos dos estudantes, de modo a favorecer a equidade e o respeito às diferenças.

É importante destacar que, de acordo com Corrêa e Vieira (2022), essa abordagem e nomenclatura, letramento inclusivo, está situada nos Novos Letramentos (NEL) e acolhe práticas sociais de leitura e de escrita de naturezas múltiplas, cujo objetivo é o desenvolvimento das pessoas, com ênfase, na inclusão de pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NEE). Essa compreensão converge com a reflexão de Souza (2023), que destaca que as práticas sociais de leitura e de escrita são determinantes na inclusão social do sujeito:

As práticas sociais de leitura e de escrita emergem como questão determinante na inclusão social do sujeito e nos revelam que é preciso pensar no ensino da leitura e da escrita para além de técnicas de decodificação e codificação, permitindo à criança compreender o uso e a função que estas exercem em diferentes ambientes sociais, favorecendo, desta forma, sua participação efetiva nas práticas escriturais da sociedade (Souza, 2023, p. 10, grifos nossos).

Assim, ao articular essas perspectivas, compreendemos que o letramento inclusivo propõe uma mudança paradigmática. Afinal, ele reconhece que a inclusão se concretiza quando

todos os estudantes, independentemente de suas especificidades, têm oportunidades reais de participar, compreender e produzir sentidos nas práticas sociais de leitura e escrita.

Baseando-nos na citação, defendemos que a prática de leitura e produção escrita possibilita acessar conhecimento e, conseqüentemente, pode ser um fator importante para contemplar a inclusão social. Pesquisadores como Souza e Cantero (2024), destacam os Letramentos Inclusivos como uma abordagem essencial para a construção de uma sociedade mais equitativa. Nas últimas décadas, práticas sociais não inclusivas, anteriormente consideradas “normais”, têm sido amplamente questionadas por profissionais de diversas áreas, sobretudo no que diz respeito à promoção da equidade e da diversidade.

Diante disso, enfatizamos que nós, enquanto educadores(as) e professores(as) de línguas, devemos estar atentos(as) a essa demanda que tem estado cada vez mais presente no nosso cotidiano. Afinal, a escola integra a formação cidadã e isso a torna responsável por preparar os(as) estudantes para lidar com as diferenças que dizem respeito à diversidade.

2.2 A Produção de Materiais Didáticos

Partimos do entendimento de que a produção dos materiais didáticos, no âmbito do ensino-aprendizagem de línguas, exige uma retomada teórica dos estudos relativos aos gêneros. A discussão sobre os gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa ganhou mais força ao ser compreendida a partir de uma perspectiva social. De certo, isso foi destacado por vários pesquisadores, dentre eles o professor Luiz Antônio Marcuschi (2008).

Na sua perspectiva amplamente difundida hoje, os gêneros não são modelos fixos, mas formas de ação social que surgem das necessidades comunicativas em diferentes contextos. Eles se constituem historicamente, circulam por diversas esferas da vida cotidiana e se transformam conforme mudam as práticas sociais. Assim, os gêneros emergem e se modificam de acordo com as demandas comunicacionais de cada época.

Segundo Marcuschi (2002, p. 1), os gêneros textuais “surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais” e isso confirma o seu caráter eminentemente social. Eles emergem das práticas comunicativas que os sujeitos realizam em diferentes esferas da vida, respondendo a finalidades, contextos e modos de interação específicos. Nesse cenário, as novas tecnologias desempenham papel central, pois ampliam e transformam as formas de circulação dos discursos, criando ambientes de produção, distribuição e recepção dos gêneros – assim como espaços de suporte para esses gêneros. Para ilustrar essa relação entre práticas sociais, tecnologias e usos da linguagem, podemos observar o seguinte exemplo:

A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas. Veja-se o caso do telefonema, que apresenta similaridade com a conversação que lhe pré-existe, mas que, pelo canal telefônico, realiza-se com características próprias. Daí a diferença entre uma conversação face a face e um telefonema, com as estratégias que lhe são peculiares. O e-mail (correio eletrônico) gera mensagens eletrônicas que têm nas cartas (pessoais, comerciais etc.) e nos bilhetes os seus antecessores. Contudo, as cartas eletrônicas são gêneros novos com identidades próprias, como se verá no estudo sobre gêneros emergentes na mídia virtual (Marcuschi, 2002, p. 02).

O impacto das tecnologias na constituição dos gêneros textuais demonstra que, embora novas mídias favoreçam o surgimento de formas inovadoras de comunicação, essas formas não rompem completamente com seus antecedentes. Como afirmou Marcuschi (2002), o telefonema mantém vínculos estruturais com a conversação face a face, ao mesmo tempo em que desenvolve estratégias próprias; da mesma forma, o *e-mail* deriva das cartas e bilhetes, mas adquire identidade própria no ambiente digital. Esse movimento confirma que os gêneros se transformam historicamente, acompanhando as necessidades comunicativas e as condições materiais de produção dos textos.

Compreender essa dinamicidade implica reconhecer que trabalhar com gêneros textuais significa lidar com práticas sociais em constante mudança – neste trabalho, o folheto na versão digital – nas quais cada texto é produzido para atender a finalidades específicas e mobiliza modos de dizer que refletem relações sociais, valores e disputas simbólicas. Essa perspectiva se articula diretamente ao pensamento de Kleiman (2007), que destaca que os estudantes chegam à escola trazendo uma bagagem cultural diversificada, construída em práticas de leitura e escrita que antecedem o espaço escolar.

Para a autora, os alunos já participam de atividades mediadas por textos — impressos, digitais ou orais — e essa participação ocorre em diferentes momentos e esferas da vida social. Assim, os gêneros que circulam na sociedade tornam-se fundamentais para o trabalho pedagógico, pois conectam as experiências reais dos estudantes às práticas de linguagem desenvolvidas na escola. Ao considerar essa circulação social dos gêneros, o ensino de língua passa a valorizar a interação, a diversidade de repertórios e a construção de conhecimentos compartilhados, reconhecendo que a produção e a interpretação de textos são sempre atravessadas por fatores sociais, culturais e pessoais.

No contexto da elaboração de materiais didáticos voltados ao ensino de gêneros textuais, a priori apresentamos a perspectiva de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que propõem as sequências didáticas como uma estratégia eficaz para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita. Essa abordagem, amplamente reconhecida no ensino de línguas, tornou-se

referência por transformar as metodologias de trabalho com gêneros textuais e por oferecer aos educadores um modelo consistente e adaptável às diferentes realidades escolares.

Embora a proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) ofereça uma base sólida para o trabalho com gêneros textuais, é possível enriquecê-la ao incorporar outras perspectivas que dialogam com as demandas das sociabilidades contemporâneas. Nesse sentido, a proposta de unidade didática apresentada por Doris Matos (2014) amplia o horizonte metodológico ao defender que o ensino de línguas deve promover experiências de linguagem que estimulem a reflexão crítica sobre diversidade, desigualdades e práticas sociais.

Para a autora, a produção de materiais didáticos não pode restringir-se à reprodução de modelos estruturais, mas deve estar pautada em espaço de problematização, acolhimento das diferenças e construção de sentidos que contribuam para transformações sociais. Sua abordagem reforça que a unidade didática é um dispositivo pedagógico capaz de articular linguagem, identidade e cidadania, especialmente quando orientada por princípios inclusivos.

Essa perspectiva encontra ressonância nas contribuições de Silva Júnior (2023), que também trabalha com a elaboração de unidades didáticas voltadas ao ensino de línguas em contextos marcados pela diversidade – esse trabalho foi crucial para construção crítica, estética e analítica da UD produto desta pesquisa. Ele argumenta que a organização didática deve considerar as múltiplas experiências socioculturais dos estudantes, valorizando práticas de linguagem que promovam inclusão, participação e reconhecimento das diferenças. Assim, a UD funciona como um espaço de diálogo entre teoria e prática, no qual os gêneros textuais são mobilizados para discutir questões sociais, tensionar discursos hegemônicos e fomentar o desenvolvimento de uma postura crítica diante das desigualdades.

Nesse mesmo horizonte de reflexão, o estudo de Almeida e Anjos (2021) destaca o potencial dos gêneros textuais multimodais para a promoção de práticas pedagógicas críticas. Ao recorrerem ao gênero folheto como recurso educativo em atividades voltadas à conscientização sobre temas sociais, as autoras enfatizam como a linguagem pode ser mobilizada para suscitar reflexões e ampliar o repertório dos estudantes em relação a questões de cidadania e diversidade.

Vejamos o quadro elaborado pelas autoras, fundamentado em estudos qualitativos sobre o gênero folheto e nas reflexões teóricas de Marcuschi (2008):

Quadro 1 - Características gerais do gênero textual folheto

Gênero folheto	
Objetivos do gênero	
a)	Informar ou instruir acerca de assuntos, apresentar produtos ou conscientizar/educar;
b)	Transmitir mensagens de maneira rápida e objetiva;
Quanto aos recursos	
c)	Linguagem acessível;
d)	Leitura leve e estimuladora;
e)	Linguagem, geralmente, apelativa;
f)	Textos em evidência;
g)	Textos escritos, geralmente, curtos;
h)	Textos multimodais;
Quanto ao domínio discursivo, a modalidade de uso da língua e os aspectos sociais	
j)	Domínio discursivo instrucional;
k)	Modalidade de uso da língua escrita;
l)	Expositivo e descritivo;
m)	Consideram o interesse ou as necessidades do público-alvo.

Fonte: Almeida e Anjos, 2021.

O quadro elaborado pelas autoras sistematiza as principais características do gênero folheto, evidenciando sua funcionalidade comunicativa e seu potencial educativo. Os objetivos do gênero revelam sua vocação para intervir socialmente. Os recursos linguísticos e discursivos, como linguagem acessível, textos curtos e multimodalidade, indicam que o folheto é pensado para atingir públicos diversos, respeitando diferentes níveis de letramento e possibilitando a construção de novos letramentos. Já os aspectos relacionados ao domínio discursivo e à modalidade de uso da língua reforçam seu caráter instrucional e expositivo, sempre em diálogo com as necessidades e os interesses do público-alvo. Essa sistematização contribui para que o trabalho com o gênero seja mais intencional e sensível às práticas sociais de linguagem.

Dessa forma, ao reunir as contribuições de Marcuschi (2002; 2008), Matos (2014), Silva Júnior (2023) e Almeida e Anjos (2021), contemplamos uma compreensão ampliada sobre o papel dos gêneros textuais no processo educativo e no enfrentamento das desigualdades. Esses estudos demonstram que propostas didáticas sensíveis à diversidade podem mobilizar reflexões críticas e favorecer uma leitura e escrita mais consciente por parte dos estudantes, especialmente quando articuladas a temas sociais. No caso deste estudo, a produção de unidades didáticas se destaca como um caminho potente para articular teoria e prática, integrar diferentes repertórios culturais e promover aprendizagens comprometidas com a justiça social e a formação cidadã.

3. METODOLOGIA

Segundo Martha Nunes (2021), na pesquisa qualitativa a pessoa que investiga preocupa-se prioritariamente com o processo investigativo, sem restringir sua atenção aos resultados:

A pesquisa qualitativa apresenta a possibilidade da investigação das subjetividades, o que foi durante muito tempo evitado pela ciência, dada a aplicação universal do positivismo na explicação de todos os fenômenos, quer naturais ou sociais. Assim, as informações coletadas numa pesquisa qualitativa não são quantificáveis, mas **analisadas a partir de modelos de interpretação** que buscam atribuir significados aos fatos observados (Nunes, 2021, p. 13, grifos nossos).

Diante disso, neste estudo qualitativo, realizamos um planejamento detalhado que conduziu a cada etapa da elaboração da Unidade Didática. Assim, antes da produção efetiva e análise do produto, nos envolvemos em um processo de formulação do problema de pesquisa, a construção das hipóteses, a definição dos objetivos e a sustentação teórica por meio da escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A partir desse percurso metodológico, tornou-se possível estruturar um material didático que atendesse às demandas delineadas vinculadas à disciplina de Língua Portuguesa e, ao mesmo tempo, promovesse reflexões críticas sobre a linguagem e suas implicações anticapacitistas.

3.1 Problemas de pesquisa

A pesquisa, de caráter qualitativo, delimita como tema 1: “Produção de Unidade Didática interdisciplinar direcionada ao Ensino Fundamental II, utilizando o gênero folheto digital, com foco na conscientização anticapacitista e nos direitos humanos das pessoas com deficiência”. Assim, o problema de pesquisa que orienta este estudo consiste em: “Como uma Unidade Didática interdisciplinar, utilizando o gênero textual folheto digital como recurso pedagógico, pode contribuir para a conscientização anticapacitista de estudantes dos anos finais do ensino fundamental, considerando uma análise da linguagem voltada aos direitos humanos das pessoas com deficiência?”.

Para aprofundar essa questão, foram definidos dois problemas específicos: **(i)** como a exploração do gênero folheto digital pode fomentar o letramento inclusivo?; e **(ii)** os estudos das disciplinas de Língua Portuguesa articulada aos aspectos relativos à Educação Inclusiva podem favorecer a verificação interdisciplinar do alinhamento de uma sequência didática com o letramento inclusivo e a conscientização anticapacitista?

3.2 Hipóteses

A hipótese central sustenta que, em uma sociedade marcada pelo capacitismo, a elaboração de uma Unidade Didática interdisciplinar, fundamentada em referenciais sobre letramento inclusivo e ensino da língua portuguesa e a partir do gênero folheto digital, pode

contribuir para a conscientização anticapacitista e para a valorização dos direitos humanos das pessoas com deficiência entre estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental.

Essa hipótese se desdobra em duas hipóteses específicas: **(i)** o gênero textual folheto digital, por sua linguagem objetiva, seu caráter informativo e seu potencial persuasivo, constitui um recurso pedagógico relevante para o desenvolvimento de uma Unidade Didática que fomente o letramento inclusivo e a conscientização anticapacitista entre estudantes do Ensino Fundamental II; e **(ii)** a análise interdisciplinar da Unidade Didática foi construída a partir dos saberes das áreas de Educação, Língua Portuguesa, Sociologia e Letramento Inclusivo a qual permite verificar se sua linguagem está alinhada ao letramento inclusivo e contribui para a conscientização anticapacitista.

3.3 Objetivos

O objetivo geral da pesquisa consiste em propor uma Unidade Didática (UD) como proposta educativa para conscientização anticapacitista nas aulas de língua portuguesa, por meio do gênero folheto digital, voltada ao letramento inclusivo de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Para alcançar esse objetivo, foram definidos dois objetivos específicos: **(i)** desenvolver uma Unidade Didática com foco no estudo do gênero textual folheto digital que fomente o letramento inclusivo; e **(ii)** verificar, por meio de uma análise interdisciplinar (Educação, Língua Portuguesa, Sociologia e Letramento Inclusivo), se a Unidade Didática possui uma linguagem potencialmente anticapacitista alinhada ao letramento inclusivo.

3.4 Técnicas de pesquisa

Para a elaboração da revisão bibliográfica deste trabalho, adotamos a técnica de pesquisa documental em fontes acadêmicas disponíveis em meio digital. A coleta de dados foi realizada por meio da plataforma *Google Acadêmico*, com prioridade para textos científicos publicados em periódicos qualificados que abordam temáticas relacionadas a gêneros textuais, sequências didáticas, letramento inclusivo e práticas pedagógicas com o gênero folheto.

Os vocábulos de busca utilizados foram: gênero folheto; gênero “folheto” língua portuguesa; produção de unidade didática; propostas didáticas; letramento e inclusão; e letramento inclusivo. A partir disso, ampliamos a seleção dos textos que compõem a pesquisa.

Quadro 2 - Principais recursos teóricos selecionados

GÊNERO FOLHETO	
Almeida; Anjos (2021)	Explora o gênero folheto como ferramenta pedagógica no ensino de língua espanhola, destacando seu potencial para promover letramento crítico e conscientização social. A proposta demonstra como o folheto, por sua natureza informativa e acessível, como prevenção ao HIV/AIDS.
Batista Júnior; Peixoto; Neto (2021)	O estudo analisou como projetos de leitura e produção textual que utilizam tecnologias digitais, articulados ao trabalho com gêneros textuais, podem fortalecer práticas de letramento e o protagonismo juvenil. A investigação mostrou que essas propostas ampliam habilidades linguísticas, o uso crítico de tecnologias e a convivência social dos estudantes.
Regner; Boas (2023)	Propõe o uso de textos multimodais nas aulas de Língua Portuguesa, fundamentado nos multiletramentos e no letramento multimodal crítico. As autoras defendem que essa prática favorece a leitura crítica e a formação cidadã, ao estimular os estudantes a interpretarem diferentes modos de significação presentes nos discursos contemporâneos.
PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS	
Silva Júnior (2023)	Propõe a construção de Unidades Didáticas como prática pedagógica crítica, voltada à valorização de saberes do Sul Global e à promoção da educação linguística em espanhol. Os materiais buscam refletir as realidades socioculturais dos estudantes e fomentar práticas inclusivas e transformadoras no ensino básico.
Cordeiro <i>et al</i> (2025)	Destaca a importância do design editorial na criação de recursos pedagógicos acessíveis. Defendem que materiais didáticos devem ser organizados com foco em conforto, legibilidade e adequação, promovendo o letramento inclusivo por meio de conteúdos impressos e digitais adaptados às necessidades de pessoas com deficiência visual.
Azevedo; Reis; Monte (2021)	Discute a importância da leitura argumentativa como prática formativa na escola, fundamentada na perspectiva interacional da argumentação. As autoras defendem que compreender textos argumentativos exige analisar sentidos construídos na interação entre sujeitos e discursos, e não apenas identificar estruturas formais. Para isso, apresentam propostas didáticas que favorecem a leitura crítica de diferentes gêneros textuais, estimulando posicionamentos, contra-argumentos e reflexões.
LETRAMENTO INCLUSIVO	
Batista (2020)	Enxerga o letramento inclusivo como ferramenta essencial para garantir o acesso equitativo ao conhecimento. Defende práticas pedagógicas que reconheçam as individualidades e promovam ambientes educacionais acolhedores à diversidade.
Corrêa; Vieira (2022)	Realizaram uma revisão sistemática da literatura sobre o conceito de letramento inclusivo, analisando 16 trabalhos publicados entre 2008 e 2019. Destacam a necessidade de ampliar pesquisas sobre o tema em espaços diversos, reforçando o letramento inclusivo como prática sociocultural que favorece a participação de diferentes sujeitos na construção do conhecimento.
Souza (2023)	Vê o letramento como prática social capaz de promover a inclusão, destacando a leitura e a escrita como ferramentas para ampliar o acesso ao conhecimento e à cidadania. Defende que as práticas pedagógicas devem considerar o contexto dos sujeitos, favorecendo a participação ativa e crítica na sociedade.
Souza; Cantero (2024)	Analisa como práticas de letramento diversificadas e contextualizadas podem contribuir para a redução do fracasso escolar. Destacam que o letramento inclusivo, quando adaptado às realidades socioculturais dos alunos, favorece tanto o desempenho acadêmico quanto a inserção social.

Fonte: Elaboração própria, 2026.

A seleção dos materiais seguiu critérios de relevância temática, recentes publicações (preferencialmente entre os últimos cinco anos) e autoridade dos autores citados nos blocos epistemológicos desta pesquisa. Os textos foram organizados e analisados com base em

categorias teóricas dispostas no quadro anterior, buscando estabelecer conexões entre as discussões adotadas e principais contribuições desses estudos para este TCC.

4. RESULTADOS

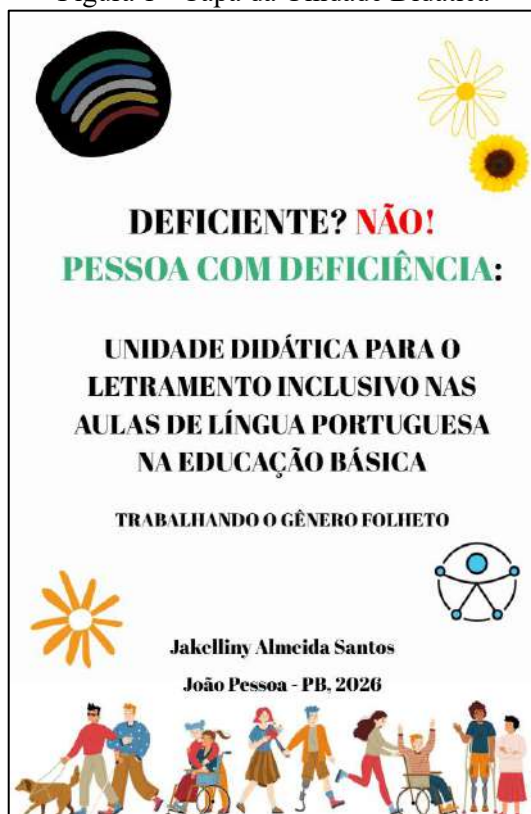
A Unidade Didática possui o seguinte título: “*Deficiente? Não! Pessoa com Deficiência*”. Essa apresentação do material assume função nominativa e formativa, uma vez que introduz o uso da linguagem adequada e suas implicações sociais. Ao rejeitar o termo reducionista “deficiente” e ao reafirmar a expressão “pessoa com deficiência” como adequada, a proposta está em consonância com a Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015), reforçando o papel da língua como instrumento de cidadania e transformação social – o que está articulado tanto com aspectos da Língua Portuguesa quanto com a Sociologia, o que destaca a possibilidade do uso desse material em articulação com mais de uma disciplina escolar.

Além disso, o uso estratégico das cores no título amplia a carga semântica, possibilitando a compreensão crítica dos estudantes sobre os efeitos da escolha lexical e seus recursos visuais. O subtítulo, “*Unidade didática para o letramento inclusivo nas aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica*”, situa o material no campo da prática docente, ressaltando que o ensino da língua deve incluir experiências de letramentos que contemplem a diversidade dos sujeitos típicos e atípicos. Essa introdução apresenta ao leitor/estudante que a língua contemplada pela UD não está reduzida aos aspectos formais e estruturais.

A noção de letramento inclusivo, usada neste trabalho, dialoga com as concepções de letramentos discutidas por Angela Kleiman (1995) e Magda Soares (2004), nas quais o trabalho com a língua deve possibilitar que os estudantes compreendam, problematizem e articulem o conteúdo teórico sobre o mundo na prática do cotidiano. Assim, o texto se coloca como um recurso que promove a reflexão linguística, sem desvincular-se das funções sociais.

Na capa, contém a frase “trabalhando o gênero folheto” que reforça a intencionalidade pedagógica da UD. De acordo com Almeida e Anjos (2021), o gênero folheto, por sua natureza informativa e de ampla circulação social, possibilita que os alunos desenvolvam práticas discursivas próximas do cotidiano, conforme orienta a BNCC (Brasil, 2017). Dessa forma, o material propicia o desenvolvimento de habilidades de leitura e produção textual articuladas a contextos reais de comunicação, além de permitir que os estudantes reconheçam como a língua atua na construção de sentidos e na promoção da inclusão em prol do anticapacitismo (Batista, 2020; Souza, 2023).

Figura 1 - Capa da Unidade Didática



Fonte: Elaboração própria, 2026.

Os elementos visuais da capa contribuem para o caráter didático, uma vez que, ao apresentar ícones de acessibilidade e imagens que representam a diversidade corporal, tornam a proposta mais significativa aos alunos. Há, inclusive, uma imagem na parte superior esquerda que simboliza as cores da ‘Bandeira da Deficiência’. Essa escolha, em diálogo com Sassaki (2005) e Mantoan (2006), pode ser entendida como uma prática de inclusão atitudinal, pois sensibiliza a comunidade escolar para à compreensão das diferenças.

A capa apresenta outros elementos simbólicos que reforçam a temática da inclusão às PcDs. O tradicional ícone da pessoa em cadeira de rodas foi recentemente atualizado para uma representação em forma de círculo, no qual mãos e pés se unem, simbolizando diversidade e integração¹. Além disso, a presença de girassóis remete às chamadas deficiências invisíveis, funcionando como metáfora de acolhimento e reconhecimento das condições que não são imediatamente perceptíveis, mas que igualmente demandam reconhecimento da sua diversidade, respeito e atenção social. Em sala de aula, tais recursos visuais funcionam como

¹ O novo Símbolo Internacional de Acessibilidade, criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, representa a inclusão universal, autonomia e diversidade, indo além da representação da deficiência física. A adoção oficial do novo símbolo no Brasil foi aprovada pelo Senado Federal em abril de 2025. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2025/04/29/senado-define-regras-para-uso-do-simbolo-internacional-de-acessibilidade> Acesso em: 23 abr. 2026.

estímulos semióticos e podem ser introduzidos como pré-leitura da UD, conduzindo o trabalho com leitura multimodal e interpretação crítica dos elementos (Rojo, 2009).

Em síntese, a capa cumpre a função informativa e constitui um recurso pedagógico em si, pois traduz visualmente os princípios que o material pretende desenvolver nas aulas. Ao articular linguagens, imagens e intencionalidade didática, o material coloca em evidência que a educação linguística é, sobretudo, estudar a língua no mundo, promovendo práticas de letramentos que se orientam para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

A UD está organizada em cinco sequências de atividades, seguidas da produção final do gênero folheto e de um bônus. Composta por 36 páginas, apresenta uma progressão lógica que conduz o estudante da introdução da temática ao estudo aprofundado do gênero.

Quadro 3 - Exposição resumida da unidade didática

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 1		
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ABORDAGEM
1. Desenvolver a capacidade de analisar criticamente a linguagem, reconhecendo usos que reforçam ou combatem o capacitismo; 2. Ampliar o letramento inclusivo dos estudantes, favorecendo a compreensão de práticas sociais anticapacitistas e o uso consciente da linguagem.	- Reflexão inicial com perguntas; - Gênero textual artigo; - Interpretação textual; - Gênero textual folheto digital; - Conceito de pessoa com deficiência (PcD); - Produção inicial do gênero folheto para avaliação diagnóstica.	As perguntas incentivaram a reflexão sobre superação de desafios, valorização da inclusão, papel da arte como forma de pertencimento, reconhecimento das barreiras sociais e desconstrução de estereótipos sobre pessoas com deficiência. Ao mesmo tempo, estimularam a reflexão crítica sobre linguagem, inclusão e capacitismo, promovendo o diálogo interdisciplinar, a valorização da diversidade e a aproximação com a realidades. Propor produção inicial, para sondagem do docente, do gênero folheto.
SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 2		
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ABORDAGEM
1. Reafirmar formas adequadas de tratamento com a comunidade PcD; 2. Refletir sobre o capacitismo e seus impactos; 3. Investigar direitos às pessoas com deficiência, ampliando o conhecimento sobre garantias legais e participação social.	- Gênero textual tutorial (a partir de recursos audiovisual); - Interpretação textual; - Gênero textual folheto; - Pesquisa sobre leis e direitos para PcDs.	Conceituar a terminologia deficiência, refletir sobre linguagem e termos inadequados, introduzir o conceito de capacitismo e mostrar como atitudes e palavras podem excluir ou incluir. Conscientizar sobre cidadania e inclusão das pessoas com deficiência, destacar a importância das leis na garantia de direitos e propor uma atividade investigativa para que os alunos conhecessem e pesquisassem mais direitos assegurados.
SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 3		
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ABORDAGEM
1. Identificar figuras públicas relacionando-as às suas biografias; 2. Discutir em duplas os critérios usados para chegar às conclusões, desenvolvendo argumentação e justificativa; 3. Reconhecer diferentes tipos de deficiência (visíveis e invisíveis); 4. Refletir sobre representatividade, acessibilidade e uso dos cordões de identificação.	- Gênero textual fotografia; - Gênero textual biografia; - Interpretação textual; - Pesquisa sobre outras pessoas públicas que são deficientes; - Exposição da pesquisa.	Inclusiva e crítica, ao apresentar pessoas públicas com diferentes tipos de deficiência e convidar os alunos a identificá-las a partir de biografias. O trabalho em duplas estimula o diálogo, a colaboração e a argumentação, enquanto o contato com histórias reais promove consciência social, respeito à diversidade e valorização do protagonismo das pessoas com deficiência em diferentes áreas da vida. Esse encontro de histórias faz com que os estudantes vejam que PcDs são capazes de ocupar diversos lugares na sociedade, uma vez que as barreiras são rompidas.
SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 4		
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ABORDAGEM
1. Reconhecer a estrutura do folheto;	Gênero textual folheto;	A aula possibilita o estudo da estilística do gênero folheto, ao mesmo tempo em que

2. Identificar onde o folheto circula e como atua socialmente; 3. Refletir criticamente sobre sua função social e seus efeitos na comunidade; 4. Analisar folhetos que tratam das sociabilidades da comunidade PcD, observando discursos e representações; 5. Diferenciar o folheto de gêneros semelhantes a partir de sua finalidade e forma; 6. Ler e interpretar folhetos diversos, discutindo seus conteúdos sociais.	• Pesquisa autônoma sobre os tipos de “barreiras” e seus exemplos; • O que é o folheto? • Onde circula? • Quais são suas características? • Como identificá-lo? • Estrutura do folheto; • Atividades de fixação do conteúdo relacionadas a estrutura do folheto.	trabalha o conteúdo textual com foco na inclusão das pessoas com deficiência (PcDs). Os estudantes analisam modelos, identificam objetivos e locais de circulação, reconhecem elementos estruturais como título, imagens, texto e informações adicionais, além de diferenciar o folheto de outros gêneros. Por fim, realizam a produção de um folheto dentro das temáticas abordadas, exercitando leitura crítica, reflexão social e prática de comunicação. Dessa forma, a proposta une análise da estrutura, reflexão sobre o conteúdo social e produção impressa, articulando teoria e prática para compreender a função comunicativa e social do gênero.
SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 5		
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ABORDAGEM
1. Retomar e aplicar conhecimentos do módulo anterior, relacionando-os ao gênero folheto; 2. Iniciar a produção manual de um folheto, fazendo escolhas conscientes de linguagem, finalidade e público; 3. Compreender como o folheto se adapta a diferentes espaços sociais, analisando versões impressas e digitais.	• Caça palavras com vocabulário relacionado à inclusão; • Desenho que represente uma das palavras encontradas, estimulando interpretação e expressão visual; • Estudo comparativo entre folheto impresso e folheto digital, destacando diferenças de formato, circulação e finalidade.	Proposta crítica e prática, pois os alunos analisam um folheto sobre sinais de autismo, discutem sobre linguagem, público-alvo e intencionalidades do texto. É também multimodal e colaborativa, pois une a leitura do texto escrito com os recursos visuais, unindo interpretação textual e reflexão social.
PRODUÇÃO FINAL		
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ABORDAGEM
Produzir a versão final do gênero folheto na versão digital.	• Orientação no uso de recursos digitais; • Produção escrita final do folheto na versão digital; • Divulgação dos textos produzidos em plataformas digitais.	Estudo orientado da produção do folheto na versão digital, propondo a produção escrita, criativa e comunicativa do estudante em diferentes formatos, de modo que o conteúdo trabalhado na unidade didática seja aplicado da maneira adequada.
BÔNUS		
Este espaço é destinado para que os estudantes conheçam outros gêneros semelhantes ao folheto, mas compreendam que são gêneros textuais diferentes. O bônus inicia retomando o folheto em suas versões impressa e digital. Em seguida, apresenta o cartaz , que pode ser confeccionado à mão ou impresso em gráfica, sendo mais curto e objetivo que o folheto. Depois, o folder , geralmente impresso, contém mais informações, já que sua apresentação é dobrável e oferece maior espaço. Por fim, a cartilha , que se assemelha a um livro curto, voltado para instruções ou orientações específicas.		

Fonte: Elaboração própria, 2026.

O quadro apresenta o conjunto de conteúdos planejados para articular leitura, interpretação e produção textual, sempre em diálogo com a temática da conscientização anticapacitista. A proposta inicia com reflexões críticas sobre linguagem e cidadania e, em seguida, avança para discussões que (re)desconstroem modos de pensar e agir, sobre as temáticas que circunscrevem as vivências da comunidade de pessoas com deficiência.

Ao longo de toda a UD, diferentes conceitos são introduzidos por meio de folhetos e outros gêneros textuais de apoio, com o intuito de desnaturalizar ideias estereotipadas e estigmatizadas. Entre os conceitos trabalhados estão: o que é deficiência; quais são os tipos de deficiência; como referir-se a uma pessoa com deficiência; o que é capacitismo; direitos

legislativos; barreiras; acessibilidade; autismo e outros. Na etapa final, é aprofundado o estudo do gênero textual folheto e é proposta a produção final do gênero na versão digital.

O momento bônus amplia o repertório ao apresentar gêneros próximos ao folheto — como cartaz, *folder* e cartilha — reforçando a compreensão das especificidades do gênero-alvo deste material didático. Assim, a UD que articula teoria e prática, promove o letramento inclusivo e valoriza a diversidade por meio de atividades que expõem situações reais de comunicação. A seguir, apresentamos um recorte da primeira sequência de atividades:

Figura 2 - Fragmentos da Sequência de Atividades 1



Fonte: Elaboração própria, 2026.

Esse fragmento da UD tem como eixo central fomentar o letramento inclusivo, articulado à conscientização anticapacitista, a partir de uma interpretação textual crítica. Para contemplar tais perspectivas, foram mobilizados gêneros textuais diversos e estratégias pedagógicas que favorecem o diálogo e a valorização da diversidade. As perguntas sobre o conteúdo do artigo, estimulam os estudantes a pensarem sobre superação de desafios, valorização da inclusão, papel da arte como forma de pertencimento, reconhecimento das barreiras sociais e desconstrução de estereótipos relacionados às PcDs.

Essa prática dialoga diretamente com a concepção de letramento como prática social defendida por Magda Soares (2019), uma vez que compreende a leitura e a escrita para além da dimensão técnica, inserindo os sujeitos em práticas discursivas reais. Ao trabalhar com o artigo jornalístico sobre o artista paraibano Bboy Perninha, os alunos podem refletir sobre narrativas de resistência e empoderamento; afinal, trata-se de uma pessoa com deficiência física e essa condição não foi uma barreira para ele se tornar dançarino. Essa análise está em consonância

com a perspectiva de Angela Kleiman (1995; 2007), pois enfatiza a importância de considerar os usos sociais da linguagem no processo de ensino da língua materna, isto é, na leitura e escrita.

É neste primeiro momento, também, que o gênero folheto, na versão digital, é apresentado aos estudantes em articulação com as discussões anticapacitistas. Conforme Roxane Rojo (2009), ao tratar dos multiletramentos, o folheto por ser um gênero multimodal pode articular texto verbal e imagens, ampliando as possibilidades de leitura crítica. O folheto usado apresentou o conceito de PcD e seu conteúdo, ao ser direcionado criticamente, contribui para romper com visões simplistas e estigmatizantes, alinhando-se à perspectiva da pedagogia crítica de Paulo Freire (1968), que defende a valorização da diversidade e a problematização das barreiras sociais como caminho para a transformação educativa. Além de contemplar uma educação linguística transformadora, assim como propõe Silva Júnior (2023).

De certo, nascemos e crescemos em uma sociedade cuja estrutura social não foi concebida para dar prioridade às pessoas com deficiência. Em consequência disso, em muitos casos os nossos alunos não conhecem as formas adequadas de tratamento dirigidas a essa comunidade. Infelizmente, é comum que essas pessoas sejam tratadas de maneira pejorativa, com desdém ou como “coitadas” (Verissimo; Prais, 2023). No entanto, este material didático demonstra que a realidade dessas pessoas não deve ser reduzida a tais estigmas – enfatizamos que além desse fragmento apresentado na imagem acima, outros trechos da UD reforçam o tratamento adequado para comunicar-se com essa comunidade.

Nesse momento, há uma produção inicial para realizar a sondagem dos conhecimentos prévios dos estudantes, portanto, trata-se de uma avaliação diagnóstica. Essa atividade permite que o docente observe os repertórios linguísticos e posicionamentos sociais dos estudantes, estimulando por meio da escrita a autoria e o engajamento crítico. Além disso, é relevante ressaltar que essa prática se fundamenta na concepção de gêneros textuais como formas de ação social, conforme Marcuschi (2008), e reforça a ideia de que o ensino da língua portuguesa deve contemplar gêneros que circulam socialmente e que possuem função comunicativa concreta.

Ao mesmo tempo, a abordagem adotada na UD dialoga diretamente com os estudos sobre letramentos inclusivos. Souza (2023) compreende o letramento como uma prática social que promove inclusão, ao reconhecer a leitura e a escrita como instrumentos de acesso ao conhecimento e à cidadania. Essa perspectiva reforça a necessidade de práticas pedagógicas que considerem o contexto dos sujeitos e favoreçam sua participação ativa e crítica. Nessa mesma direção, Souza e Cantero (2024) afirmam que práticas de letramentos diversificadas e contextualizadas contribuem para reduzir o fracasso escolar, sobretudo quando alinhadas às realidades socioculturais dos estudantes. Assim, o letramento inclusivo estrutura a UD,

orientando a construção de atividades que valorizam a diversidade e ampliam as possibilidades de inserção social dos alunos em espaços sociais variados.

É a partir dessa exposição que a UD inaugura a temática. É articulada leitura, interpretação e produção textual crítica socialmente engajada, com foco em perspectivas inclusivas e em reflexões coerentes com o letramento inclusivo. Ao tratar a linguagem como prática social e propor atividades que estimulam a consciência cidadã crítica, a UD contribui para a formação de sujeitos capazes de reconhecer e enfrentar o capacitismo, fortalecendo uma educação inclusiva comprometida com a cidadania vinculada ao estudo da Língua Portuguesa e aspectos sociológicos. A próxima figura contempla outra sequência de atividades. A saber:

Figura 3 - Fragmentos da Sequência de Atividades 4

Sequência de Atividades: D4 **Língua portuguesa**

O gênero textual **Folheto**

Projeto inclusão que te quero ter Quebrando Barreiras

A inclusão deve fazer parte da vida das pessoas com deficiência. Participe da campanha, celebre com a conscientização e quebre das barreiras para a inclusão das pessoas com deficiência de todas as formas. Conforme a Lei 13.146/2015, há 6 tipos de barreiras que podem estar relacionadas à vida das pessoas com deficiência:

1. **Barreiras Atitudinais:** atitudes ou comportamentos que impedem ou prejudicam a participação social da pessoa com deficiência em condições e oportunidades com as demais pessoas.
2. **Barreiras Tecnológicas:** as que dificultam ou impedem o acesso das pessoas com deficiência às tecnologias.
3. **Barreiras nas Comunicações e na Informação:** qualquer sistema, tecnologia, produto ou equipamento que dificulte ou impossibilite o acesso das pessoas com deficiência à informação por intermédio da internet ou tecnologia e de tecnologia da informação.
4. **Barreiras nos Transportes:** os obstáculos aos meios de transporte e meios de locomoção.
5. **Barreiras Urbanísticas:** os obstáculos nos vias e nos espaços públicos e privados abertos ao público ou de uso coletivo.
6. **Barreiras Arquitetônicas:** os obstáculos nos edifícios públicos e privados.

O Ministério Público do Pernambuco está atento e atende em relação às demandas das pessoas com deficiência. Em caso de desconhecimento, dirija-se ao MPPE.

Disque MPPE 127 até às 18h, em dias úteis
Whatsapp Livre 011 99316-3000 ou <https://bit.ly/whatsapp-livre-mppe>
(apenas para atendimento em Língua Portuguesa Brasileira de Sinais)
www.mppe.org.br

Quais são suas características?

A organização de um folheto é essencial para a eficácia da comunicação. Os elementos escritos e visuais são escolhidos cuidadosamente para atrair a atenção do público e eles compõem as principais características do gênero. No entanto, essa organização não segue uma estrutura fixa que deve ser aplicada a todos os folhetos. De modo geral, o folheto estará estruturado com os seguintes tópicos: título em destaque, imagens/ilustrações, texto escrito em 2º ou 3º plano, informações adicionais e elementos gráficos. As demais informações referem-se a logo do órgão ou empresa responsável pelo material.

Como identificá-lo?

Um folheto pode ser identificado pela sua função de divulgar, promover ou conscientizar algo. Caracteriza-se por seu design atrativo e formato geralmente grande, destinado a ser visto à distância. A presença de um título marcante, imagens e textos informativos são características típicas.

Vamos exercitar? Neste momento, você vai elaborar um folheto com o objetivo de conscientizar outras pessoas sobre os temas listados a seguir. No entanto, antes disso será necessário estudo. Assim, será necessário realizar uma pesquisa sobre o seu tema. Depois de construir o seu próprio folheto, deverá apresentá-lo aos demais justificando os recursos utilizados na construção do seu texto. Use a criatividade!

- 1) Deficiência física
- 2) Deficiência auditiva
- 3) Surdez
- 4) Deficiência visual
- 5) Baixa visão
- 6) Deficiência intelectual
- 7) Deficiências múltiplas
- 8) Transtornos Globais do Desenvolvimento

Estrutura do folheto

É relevante dominar as características estruturais do gênero. Afinal, são esses recursos que irão ajudar você a identificá-lo quando tiver contato com ele.

- **Título em texto em destaque:** atrativo, grande e objetivo;
- **Texto informativo:** objetivo e contém uma mensagem principal;
- **Imagem/ilustração:** relacionada ao conteúdo, pode estar ou não destacada;
- **Entidade responsável:** empresa privada ou órgão público;
- **Elementos gráficos:** cores, fontes e layout que aumentem a atração visual;
- **Informações adicionais:** dados importantes, como contatos, datas e locais.

Identificando a estrutura no próprio folheto

- **Título:** "Projeto inclusão que te quero ter: Quebrando Barreiras"
- **Texto informativo:** sobre inclusão e os tipos de barreiras que atravessam as vidas das pessoas.
- **Imagem/ilustração:** representação de pessoas com deficiência;
- **Entidade responsável:** Ministério Público de Pernambuco;
- **Elementos gráficos:** títulos em negrito e de cor azul escuro e texto informativo de cor preta;
- **Informações adicionais:** Disque MPPE, whatsapp livre e site.

Fonte: Elaboração própria, 2026.

Essa sequência de atividades, que corresponde à penúltima da UD, tem como foco a aplicação prática dos conhecimentos construídos nas etapas anteriores, com ênfase na adaptação do gênero folheto para diferentes espaços sociais e na finalização da produção textual em formato digital. A proposta de leitura assume uma ênfase multimodal, pois convida os estudantes a analisarem diferentes folhetos que dialogam com as temáticas sociais abordadas no material didático.

Na imagem apresentada, destacamos alguns fragmentos que ilustram como foi conduzido o estudo estrutural do gênero folheto. Esse conhecimento servirá, posteriormente, como base para que os estudantes produzam seus próprios textos, compreendendo de forma consciente os elementos que caracterizam o folheto. Em outro momento, os estudantes terão que identificar essas mesmas características em outro folheto, como forma de exercício e

consolidação do conteúdo. A partir dessas análises — que ultrapassam os fragmentos desta análise — os estudantes podem compreender com propriedade as partes que constituem o folheto, ampliando sua compreensão sobre os usos sociais e comunicativos do gênero.

A perspectiva apresentada por Almeida e Anjos (2021) sobre o potencial do folheto como ferramenta de letramento crítico dialoga diretamente com as contribuições de Azevedo, Reis e Monte (2021), que defendem a leitura argumentativa como prática formativa essencial na escola. Se, por um lado, o folheto se mostra um gênero acessível e socialmente situado, capaz de promover conscientização e reflexão sobre temas sensíveis, por outro, sua análise demanda que os estudantes compreendam os sentidos construídos na interação entre sujeitos, contextos de circulação, adequação de linguagem, público-alvo e outros.

Além disso, ao trabalhar com folhetos que abordam aspectos relativos à inclusão, a UD estimula a leitura crítica, posicionamentos anticapacitistas e contra-argumentos que fortalecem práticas discursivas que ampliam a capacidade dos estudantes de interpretar, questionar e intervir nas interações sociais que os cercam. Essa abordagem alinha-se à concepção de multiletramentos discutida por Roxane Rojo (2009), que defende o trabalho com textos multimodais como forma de desenvolver competências de leitura e produção em diferentes contextos sociais e suas respectivas linguagens.

Ao explorar o folheto, suas características e elementos composicionais, a UD promove a compreensão da funcionalidade comunicativa do gênero, conforme os estudos de Marcuschi (2008), que o define como prática social com fins intencionais. As atividades reforçam o papel da linguagem como instrumento de inclusão, ao expor um folheto que trata de um tema sensível como as barreiras que limitam a acessibilidade; e pensar na promoção de um mundo acessível dialoga com os princípios da pedagogia crítica de Paulo Freire (1968), centrada na formação de sujeitos conscientes e engajados.

É fundamental que os estudantes da educação básica compreendam que as barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência não são naturais: elas foram construídas socialmente, são mantidas por práticas excludentes e, por isso mesmo, podem e devem ser questionadas. Não é a deficiência, por si só, que limita o direito de ir e vir da comunidade PcD, mas sim a ausência de acessibilidade e a persistência de obstáculos. No entanto, muitos alunos ainda não tiveram oportunidade de refletir criticamente sobre essas questões, o que reforça a importância de promover discussões que ampliem sua compreensão sobre inclusão e justiça social.

A produção do folheto digital também se articula com os pressupostos de Souza e Cantero (2024), que defendem que práticas de letramento inclusivo — quando contextualizadas e socialmente significativas — favorecem tanto o desempenho acadêmico quanto a inserção

social dos estudantes. Isso é significativo para este estudo: tornar evidente que o letramento inclusivo possui potencial de contribuir criticamente no desempenho escolar dos estudantes. Ao promover discussões que ampliam a compreensão crítica das sociedades e das individualidades que as compõem, a UD contribui para que os leitores/alunos desenvolvam sensibilidade, acolhimento e compreensão diante das realidades vividas por PcDs.

Essa perspectiva também dialoga com Batista (2020), que enxerga o letramento inclusivo como ferramenta essencial para garantir acesso equitativo ao conhecimento e para construir ambientes educacionais que reconheçam as singularidades e acolham a diversidade. Assim, a unidade didática produzida neste estudo, diante dessas reflexões teóricas, fortalece uma prática pedagógica que além de ensinar sobre o conceito e práticas inclusivas, integra reflexão crítica, colaboração e respeito às diferenças. Afinal, a diversidade é uma característica predominante em nossa sociedade brasileira e ela deve ser vista com naturalidade e respeito.

Ao final da unidade, os estudantes terão exercitado habilidades de leitura, escrita, revisão e reescrita, consolidando uma compreensão crítica sobre os modos de circulação e recepção dos textos. Também reconhecerão o potencial do folheto como ferramenta de conscientização e transformação social. Dessa forma, a unidade didática articula teoria e prática, linguagem e cidadania, leitura crítica e produção criativa. Ao adaptar o folheto para o formato digital, os alunos ampliam sua competência comunicativa e fortalecem seu compromisso com uma educação inclusiva e socialmente engajada.

5. CONCLUSÃO

A construção desta pesquisa partiu de uma metodologia que integrou revisão teórica, elaboração de material didático e análise qualitativa do produto segundo os referenciais teóricos selecionados. A partir desse percurso, foi possível verificar que as perguntas, hipóteses e os objetivos delineados inicialmente foram contemplados: a fundamentação teórica ofereceu o suporte necessário para compreender o letramento inclusivo como prática social e formativa; o desenvolvimento da unidade didática permitiu explorar o potencial do gênero folheto como recurso educacional direcionado às práticas sociais; e a análise das atividades demonstrou a potencialidade crítica da unidade didática ao conduzir perspectivas anticapacitistas.

Os resultados alcançados demonstram que a UD elaborada se configura como alternativa viável para fomentar a conscientização anticapacitista no ensino de Língua Portuguesa, ao articular leitura, interpretação crítica e produção textual em diálogo com temas socialmente relevantes e contemporâneos. Além disso, demonstra que é possível orientarmos –

enquanto educadores – os nossos estudantes ao letramento inclusivo e ampliar os horizontes do saber desses futuros cidadãos.

No entanto, reconhecemos que conduzir discussões sobre capacitismo e inclusão em sala de aula ainda representa um desafio, seja pela persistência de estigmas sociais, pela necessidade de formação docente continuada que sustente práticas pedagógicas inclusivas ou pela limitação de espaço e tempo no calendário escolar. Diante disso, optamos por trabalhar com o folheto, um gênero textual previsto pela BNCC para o Ensino Fundamental II, garantindo que seu estudo esteja alinhado ao planejamento curricular. Essa escolha assegura que o tema seja abordado conforme as orientações oficiais e em consonância com a realidade escolar, favorecendo tanto a reflexão crítica quanto a aplicabilidade prática.

O estudo do gênero já é proposto pelos documentos oficiais; o que ampliamos aqui foi a inserção de um debate orientado pelo letramento inclusivo. Reafirmamos, assim, a relevância de trazer essas discussões para o cotidiano escolar, pois elas ampliam a compreensão dos estudantes sobre direitos humanos, fortalecem práticas de respeito às diferenças, contribuem para a formação cidadã das crianças envolvidas no processo e favorecem a construção de uma educação comprometida com a equidade e a justiça social.

Esperamos que este estudo, bem como a unidade didática alcance professores de Língua Portuguesa e outros educadores da educação básica, ampliando as possibilidades de trabalho pedagógico com o gênero folheto e com o letramento inclusivo. Almejamos, também, que o maior número possível de estudantes tenha contato com essa proposta, que além de promover uma consciência anticapacitista, incentiva uma postura crítica e autônoma diante da linguagem e das práticas sociais.

Em diversos momentos, o material orienta pesquisas, análises, atividades em duplas e apresentações das investigações, estimulando o protagonismo estudantil e a construção ativa do conhecimento. Assim, reafirma-se o compromisso com uma educação que articula teoria e prática, leitura crítica e produção criativa, fortalecendo uma formação cidadã comprometida com a equidade, a inclusão e a justiça social.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J.; ANJOS, A. Gênero Folheto na Aula de Língua Espanhola. *Revista Olhares e Trilhas*, v. 23, p. 1377-1397, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olhasesetrilhas/article/view/60178> Acesso em: 13 mar. 2025.
- AZEVEDO, I. C. M.; REIS, L. R.; MONTE, N. S. Leitura argumentativa na escola: propostas didáticas fundadas na perspectiva interacional da argumentação. *Revista Linha D'Água*, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 115–132, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/186499> Acesso em: 14 jun. 2025.
- BATISTA, P. A. *Letramentos Inclusivos: Teorias e Práticas*. Editora Vozes, 2020.
- BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; PEIXOTO, G. V.; LIMA-NETO, V. Práticas de letramento, tecnologias digitais e gêneros discursivos no ensino médio técnico. *Revista do GELNE*, v. 23, n. 1, p. 185–200, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/23943> Acesso em: 15 ago. 2025.
- BRASIL. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm Acesso em: 12 mar. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 12 mar. 2025.
- BRASIL. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- CORRÊA, M. P.; VIEIRA, R. F. *Educação Inclusiva e Diversidade: Desafios e Perspectivas*. Editora Cortez, 2022.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. *Declaração de Salamanca sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais*. Salamanca: UNESCO, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> Acesso em: 12 mar. 2025.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 95-128.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo 2025 registra dificuldade de acesso à educação para pessoas com deficiência; 1 em cada 5 PcDs é analfabeto no Brasil*. Jornal Nacional, 23 maio 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2025/05/23/ibge-registra-dificuldade-de-acesso-a-educacao-para-pessoas-com-deficiencia-1-em-cada-5-pcds-e-analfabeto-no-brasil.ghtml> Acesso em: 27 ago. 2025.
- KLEIMAN, A. B. *Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna*. Revista Signo, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, dez. 2007. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/242/196> Acesso em: 01 ago. 2025.

- KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.
- MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Cotidiano Escolar).
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MATOS, D. C. V. S. *Formação Intercultural de Professores de Espanhol: Materiais Didáticos e Contexto Sociocultural Brasileiro*. 2014. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/27933> Acesso em: 12 mar. 2025.
- MENDES, E. G. *Inclusão Escolar: O Que é? Por Qué? Como Fazer?* Editora Summus, 2006.
- NUNES, M. *Metodologia científica universitária em 3 tempos*. Editora UFS: São Cristóvão, 2021. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/14940> Acesso em: 13 mar. 2025.
- REGNER, A. P.; BOAS, G. V. Pedagogia dos multiletramentos e letramento multimodal crítico: uma proposta de exploração didática de texto multimodal nas aulas de Língua Portuguesa. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 31, n. 4, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/55253> Acesso em: 01 set. 2025.
- RESENDE, J.; SANTOS, L.; BARBOZA, A.; SILVA, G.; SILVA, M.; CRUZ, D.; LAMEIRA, L.; PINHEIRO, C.; QUARESMA, M.; CARDOSO, R.; MONTEIRO, M.; BENEVIDES, S.; RIBEIRO, S.; SILVA, G. Promovendo a Inclusão: desafios e oportunidades na educação e na sociedade. *Revista Foco*, v. 17, n. 4, p. 1-18, 2024.
- ROJO, R. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. In: ROJO, R. (org.). *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 11-31.
- SASSAKI, R. K. *Inclusão: paradigma do século 21*. Revista da Educação Especial. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, 2005.
- SILVA JÚNIOR, A. C. *Nós do Sul na Educação Básica: suleando a práxis docente e a educação linguística em espanhol em contexto sergipano*. 2023. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/39175> Acesso em: 20 ago. 2025.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- SOUZA, A. N. *Letramento: o uso da leitura e escrita como prática de inclusão social*. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alfenas. Disponível em: <https://bdtd.unifal-mg.edu.br:8443/handle/tede/2257> Acesso em: 13 mar. 2025.
- SOUZA, D.; CANTERO, J. *Letramentos Inclusivos: Contribuições para a Educação*. Editora Perspectiva, 2024.

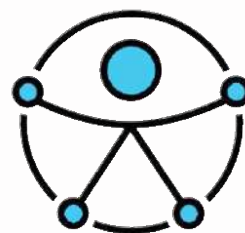
APÊNDICE – UNIDADE DIDÁTICA



DEFICIENTE? NÃO! **PESSOA COM DEFICIÊNCIA:**

UNIDADE DIDÁTICA PARA O LETRAMENTO INCLUSIVO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

TRABALHANDO O GÊNERO FOLHETO



Jakelliny Almeida Santos

João Pessoa - PB, 2026



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU CIÊNCIAS DA LINGUAGEM COM ÊNFASE NO
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

DEFICIENTE? NÃO! PESSOA COM DEFICIÊNCIA:

**UNIDADE DIDÁTICA PARA O LETRAMENTO INCLUSIVO NAS AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

JAKELLINY ALMEIDA SANTOS

DEFICIENTE? NÃO! PESSOA COM DEFICIÊNCIA:

**UNIDADE DIDÁTICA PARA O LETRAMENTO INCLUSIVO NAS AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

JOÃO PESSOA - PB, 2026

APRESENTAÇÃO

Esta unidade didática (UD) foi elaborada por Jakelliny Almeida Santos, graduada em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Trata-se do resultado de uma pesquisa desenvolvida na Especialização Lato Sensu em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa (CLELP) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), cujo trabalho tem como título: “Letramento inclusivo no ensino de Língua Portuguesa: uma proposta de unidade didática a partir do gênero folheto”.

A proposta nasce do compromisso com uma educação linguística que promova o letramento inclusivo e desenvolva a consciência anticapacitista entre os estudantes, preparando-os para exercer a cidadania de forma crítica e ética. A Língua Portuguesa, fundamental para a formação cidadã, vai além do ensino de estruturas linguísticas ao integrar dimensões socioculturais, interdisciplinares e inclusivas.

No Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) organiza as habilidades da área de Língua Portuguesa em quatro campos — artístico-literário, práticas de estudo e pesquisa, jornalístico-midiático e vida pública. Esses campos refletem as diversas práticas de linguagem vivenciadas pelos estudantes no cotidiano e orientam o desenvolvimento de competências de produção, recepção, análise e tratamento das múltiplas formas de linguagem. É nesse cenário que esta proposta se insere.

O material apresenta atividades de leitura e produção do gênero textual folheto, culminando na sua versão digital, reconhecido por sua natureza educativa e instrutiva. Por abordar questões sociais críticas e reflexivas, pertinentes a diferentes faixas etárias, o folheto mostra-se um recurso versátil, adaptável a necessidades específicas e adequado ao trabalho multidisciplinar, articulando áreas como Língua Portuguesa, Sociolinguística, Arte e outras disciplinas escolares.

A unidade didática propõe reflexões sobre diversidade e inclusão, com foco nas vivências sociais de pessoas com deficiência (PcDs), buscando desconstruir visões estereotipadas e estigmatizadas. Ao enfrentar o capacitismo estrutural presente na sociedade brasileira, o material favorece a construção de saberes anticapacitistas por meio de práticas de letramento inclusivo.

Ao final do percurso, orientado por docentes comprometidos com seu papel formador, espera-se que os estudantes desenvolvam habilidades e competências ativas, compreendendo o gênero folheto como instrumento de intervenção social e ampliando sua consciência crítica e cidadã. Ressalta-se, ainda, que esta unidade didática pode ser utilizada em conjunto com outros recursos pedagógicos, potencializando os conhecimentos e reflexões aqui propostos.

Palavras-chave: Letramento Inclusivo; Pessoas com deficiência; Língua Portuguesa; Gênero folheto.

SUMÁRIO

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 01

Pré-leitura: Introdução do tema da unidade didática

Reflexão inicial - - - - - 06

Nada sobre nós sem nós (leitura) - - - - - 07

Compreendendo o texto (interpretação) - - - - - 08

Momento de reflexão (leitura e interpretação) - - - - - 09

Momento de prática (produção escrita) - - - - - 10

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 02

Leitura: tratamento adequado, capacitismo e direitos das PcDs

Nada sobre nós sem nós (compreensão audiovisual) - - - - - 11

Compreendendo o texto (interpretação e compreensão audiovisual) - 12

Momento de reflexão (leitura e interpretação) - - - - - 13

Momento de prática (pesquisa) - - - - - 14

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 03

Leitura: pessoas com deficiência em variados espaços sociais

Nada sobre nós sem nós (fotografias) - - - - - 15

Momento de prática (leitura e interpretação) - - - - - 16

Momento de reflexão (interpretação) - - - - - 17

Momento de prática (pesquisa) - - - - - 18

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 04

Leitura: estudo do gênero textual folheto

Leitura de um folheto - - - - - 19

Conteúdo do folheto (interpretação e pesquisa) - - - - - 20

O que é o folheto? - - - - - 21

Onde circula? - - - - - 22

Quais as características e como identificá-lo - - - - - 24

Estrutura do gênero - - - - - 25

Exercitando o conteúdo - - - - - 26

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 05

Pós-leitura: o folheto na versão digital

Momento de prática (atividade lúdica) - - - - - 27

Momento de reflexão (versão impressa e versão digital) - - - - - 28

PRODUÇÃO FINAL

Proposta de escrita do gênero folheto na versão digital

Orientações - - - - - 31

Construindo uma sociedade anticapacitista - - - - - 33

BÔNUS - - - - - 34



Reflexão inicial

1. O que você identifica ao observar a capa desta unidade didática?

2. Quais temáticas você crê que este material vai tratar?

3. Quais outras disciplinas podem propor esses diálogos?

4. Segundo o seu ponto de vista, existe idade mínima para dialogar sobre esses assuntos?

5. É relevante falar sobre esses temas na escola? Por quê?

6. Você conhece pessoas famosas/públicas que integram a comunidade de pessoas com deficiência? Quem? Quantas pessoas?



“Nada sobre nós, sem nós”

**Vamos conhecer o artista paraibano
Bboy Perninha?**

Texto 1

Dançarino da PB supera deficiência e coleciona títulos de dança de rua

Lucas Ferreira, conhecido como Bboy Perninha nasceu sem o fêmur. Segundo o dançarino, a falta de fé das pessoas nele o fez ter mais força.

Felipe Ramos - Especial para o G1 PB, 2016

Diziam que ele nunca seria capaz de dançar como os demais. Outros, que seria impossível reproduzir o mesmos passos de dança de rua que os 'normais' faziam. Afinal, a deficiência não iria lhe permitir. No entanto, o paraibano Lucas Ferreira, de 21 anos, conhecido como Bboy Perninha, que nasceu sem o fêmur e, por isso, tem a perna esquerda menor, fazia da falta de fé e das palavras duras das pessoas um combustível para ir além dos seus limites.

Atualmente, o jovem coleciona títulos, muitos deles como primeiro lugar em competições nacionais e até mesmo internacionais de dança de rua, como por exemplo, a conquista do evento 'Batalha na Vila', que reuniu dançarinos de toda a América Latina, no ano de 2013.



Perninha demonstra suas habilidades
(Foto: Felipe Ramos/G1 Paraíba)

Lucas garante que não tem dificuldades físicas pra dançar atualmente e se vê como uma pessoa normal fisicamente, sem limitações. Ele confessou que no início teve algumas dificuldades pra se adaptar, mas atualmente não tem a mínima complicação.

REDES SOCIAIS

Este é o perfil pessoal e profissional do artista Perninha. Nele, conhecerá um pouco mais do seu trabalho:

@bboyperinha94





Compreendendo o texto



1. Qual mensagem a trajetória do Bboy Perninha transmite sobre como lidar com desafios físicos e sociais?

2. Histórias como a dele podem ajudar as pessoas a entender melhor a importância da inclusão? Justifique a sua resposta.

3. De que maneira a dança pode contribuir para que pessoas com deficiência se sintam mais incluídas, valorizadas e reconhecidas em sua expressão pessoal e social?

4. Quais barreiras você crê que pessoas como o Bboy Perninha enfrentam no cotidiano?

5. De que forma o sucesso do Bboy Perninha mostra que pessoas com deficiência podem superar preconceitos e conquistar reconhecimento na dança e na sociedade?





Momento de reflexão

● Leia o folheto. Em seguida, reflexione com os
● demais colegas sobre o conteúdo do texto.

Texto 2

O QUE É UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA?

É aquela que tem algum impedimento, de longo prazo que pode ser físico, mental, intelectual ou sensorial

A avaliação, quando necessária, será feita por uma equipe especializada que vai considerar o seguinte:

- Impedimentos nas funções do corpo;
- Fatores socioambientais, psicológicos e sociais
- Limitação no desempenho de atividades
- Restrição de participações



Deficiência em Foco

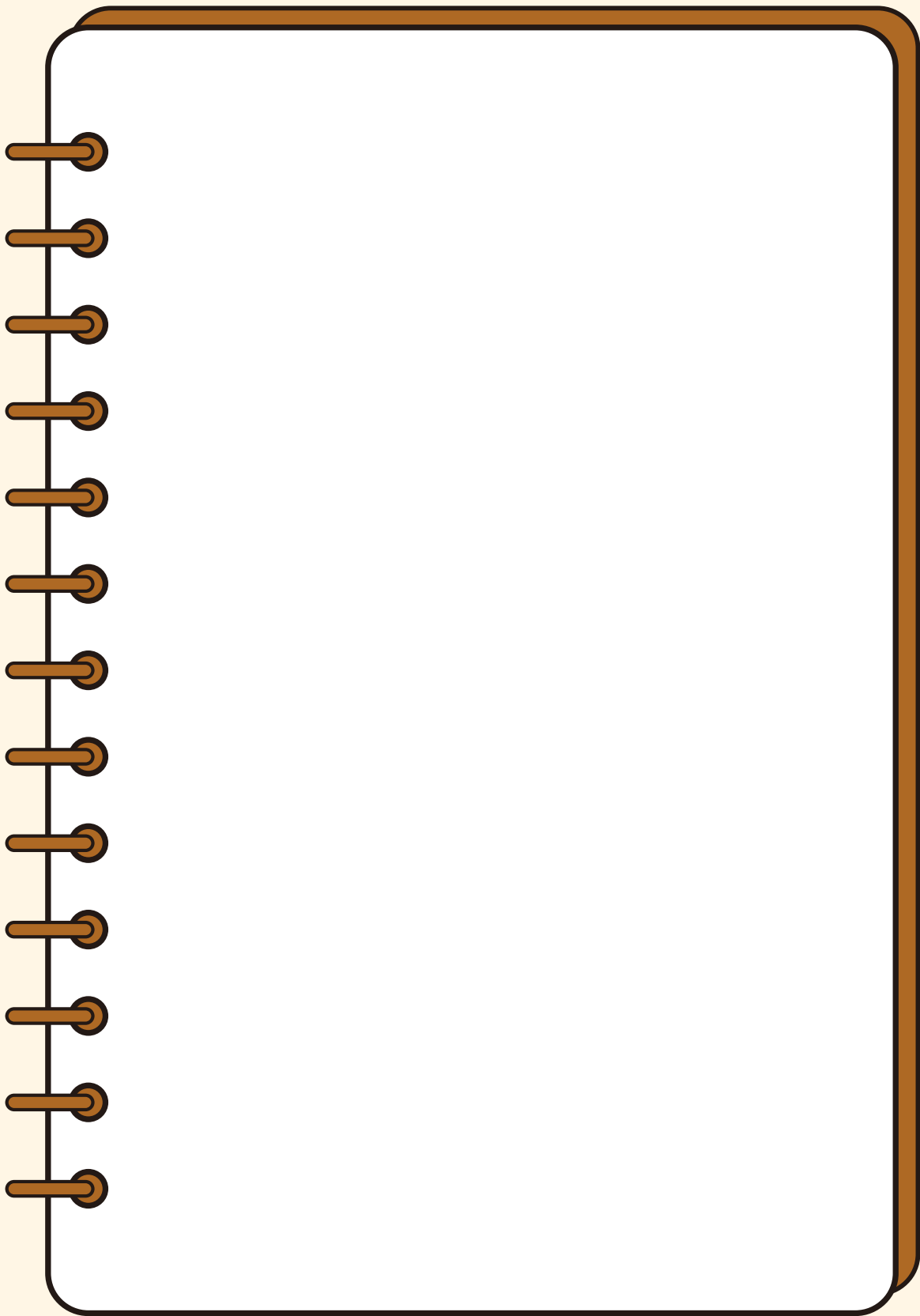
1. Quais são as temáticas presentes no folheto?
2. É possível identificar pessoas com deficiência apenas olhando para elas? Por quê?
3. Qual a função das imagens nesse folheto? Elas contribuem de alguma forma? Por quê?





Momento de prática

Agora, elabore o seu próprio folheto, de acordo com o modelo, baseando-se no conteúdo do “Texto 1”. Use a criatividade!

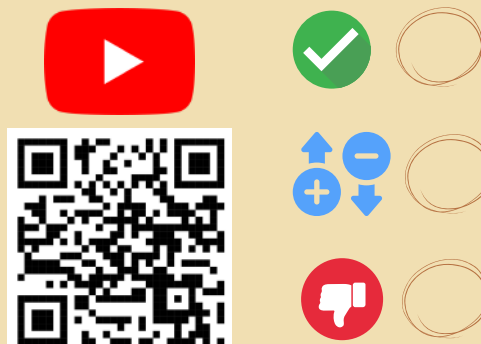


“Nada sobre nós, sem nós”



1. Busque em dois dicionários diferentes o significado da palavra “deficiência”:

2. Baseando-se na definição da palavra “deficiência”, o que é ser uma “pessoa com deficiência” (PcD)? Após responder, assista ao vídeo.



3. De acordo com o vídeo, quais são os termos inadequados para definir uma pessoa com deficiência?

CURIOSIDADES

A **deficiência visual**, seja parcial (baixa visão) ou total (cegueira), pode ter origem congênita ou adquirida e demanda recursos específicos para garantir autonomia e inclusão. **Baixa visão** é quando a pessoa tem sua função visual comprometida, mas usa ou é potencialmente capaz de usar a visão para executar algumas tarefas. **Cegueira** é a perda total da visão, o que leva a pessoa a necessitar do Sistema Braille ou de sistemas que verbalizem textos para a comunicação de leitura e escrita.





Compreendendo o texto



4. Você conhece outros termos que **não** devem ser usados e que não foram mencionados no vídeo? Quais? Por que não devemos usá-los?

5. De acordo com o seu ponto de vista, a ação de continuar usando esses termos inadequados representa o quê?

6. Você sabe o que é capacitismo? Veja ao vídeo sobre esse assunto.



7. De acordo com o vídeo, o que é capacitismo?

8. Atitudes capacitistas são agressivas? Por quê? O que fazer para evitar o capacitismo?





Momento de reflexão

As pessoas com deficiência são cidadãs como todas as outras e têm direitos que precisam ser garantidos para que possam participar plenamente da sociedade. No entanto, quando existem barreiras esses direitos não são totalmente respeitados. Por isso, as leis são fundamentais: elas ajudam a garantir inclusão, acessibilidade e igualdade de oportunidades entre pessoas com e sem deficiência. A seguir, vamos conhecer alguns dos direitos assegurados por lei às PcDs.

SenadoFederal

Direitos das Pessoas com Deficiência

Passe livre no transporte interestadual para os comprovadamente carentes	Aquisição de automóvel com isenção de IPI, ICMS, IOF
Obtenção ou renovação de Carteira de Habilitação	Matrícula nos cursos regulares de instituições de ensino
Reserva de assentos nos transportes públicos	Complemento de 25% na aposentadoria por invalidez quando o segurado necessitar de assistência permanente
Reserva de vagas especiais em estacionamentos públicos e privados	Isenção de imposto de renda
No mínimo 5% de vagas reservadas em concursos públicos	Benefício de Prestação Continuada
2 a 5% de vagas reservadas em empresas privadas	

3 de Dezembro – Dia internacional da Pessoa com Deficiência

Além dos direitos já estudados, vamos conhecer outros direitos garantidos por lei às pessoas com deficiência. Nesta atividade, você fará uma pesquisa seguindo o modelo apresentado, buscando novos direitos que ainda não foram mencionados e identificando a lei ou decreto que os assegura. Depois disso, você deverá apresentar aos colegas três desses direitos para completar a tarefa.



Momento de prática



...

Lei: *Lei Brasileira de Inclusão (LBI)*

Garantia: *Escolas que recusarem matrícula ou cobrarem valores extras de alunos com deficiência cometem crime punível com 2 a 5 anos de reclusão e multa.*

...

Lei:

Garantia:

...

Lei:

Garantia:

...

Lei:

Garantia:



“Nada sobre nós, sem nós”

1. Em duplas, observem as imagens abaixo e depois relacionem com as biografias.

a -

**Luciana Viegas**

b -

**Nicolas Hamilton**

c -

**Maju de Araújo**

d -

**Stefany Krebs**

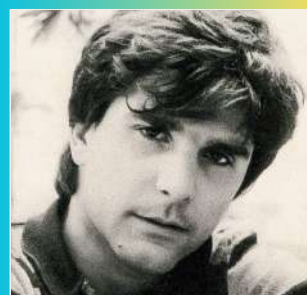
e -

**Daniel Dias**

f -

**Zeneide Cordeiro**

g -

**Marcelo Rubens Paiva**

h -

**Frida Kahlo**

i -

**Andrea Bocelli**

j -

**Pedro Fernandes**

k -

**Roberto Carlos**

l -

**Dorina Nowill**



Momento de prática

2. Em duplas, façam a identificação das pessoas das fotografias de acordo com as biografias. Conversem sobre porque vocês chegaram a essa conclusão.

É um renomado escritor, jornalista e dramaturgo brasileiro, autor do best-seller autobiográfico "Feliz Ano Velho" (1982). Sua trajetória é marcada pela morte de seu pai, o deputado durante a ditadura militar, em 1971, e por um acidente que o deixou tetraplégico aos 20 anos, superado com reabilitação.

Foi uma pintora mexicana, ícone de força e arte surrealista/naïf, conhecida por autorretratos que exploravam dor, identidade, gênero e cultura mexicana. Na infância, teve poliomielite e aos 18 anos sofreu um grave acidente de ônibus, que a deixou com dores crônicas e a levou a pintar deitada.

É o maior nadador paralímpico da história do Brasil, acumulando 27 medalhas em Jogos Paralímpicos (14 ouros, 7 pratas e 6 bronzes). Nascido com má-formação congênita nos braços e pernas, dominou a natação classe S5 por mais de uma década, aposentando-se após Tóquio 2020.

É um ator, palhaço, assistente social e consultor de acessibilidade brasileiro que interpretou Peter na novela "Dona de Mim" (TV Globo). Com 10 anos de carreira no teatro, ele traz representatividade PCD para a teledramaturgia, sendo cadeirante e convivendo com paralisia cerebral.

É uma pesquisadora indígena e a primeira mulher indígena com deficiência visual a obter o título de doutora por uma instituição de ensino superior (UFMA). Sua pesquisa foca nos Awá da Mata (Awá-Guajá isolados) e ela é um referencial na luta pelos direitos de mulheres indígenas com deficiência no trabalho/educação.

É um tenor e músico aclamado mundialmente, conhecido por mesclar ópera e pop. Com deficiência visual desde o nascimento, perdeu a visão totalmente aos 12 anos após um acidente. Possui um repertório poliglota, interpretando canções em espanhol, inglês, francês, latim e português.

Modelo profissional desde 2019 e tornou-se a primeira mulher com síndrome de Down a desfilhar na *Brasil Fashion Week*. Interessada por moda desde a infância, iniciou sua carreira aos 16 anos pelo Projeto Passarela e se formou pela *School Models*. Criou a campanha "Inclusão não é moda, inclusão é cidadania".

Piloto britânico com paralisia cerebral. Destacou-se no Campeonato Britânico de Carros de Turismo (BTCC) ao tornar-se o primeiro competidor com deficiência a pontuar na categoria, utilizando carros adaptados e inspirando outras pessoas com sua trajetória de superação.

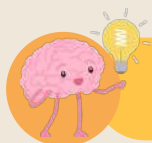
É um cantor e compositor brasileiro, reconhecido como "O Rei" da música brasileira. Líder do movimento Jovem Guarda nos anos 60, consolidou-se como o artista de maior sucesso comercial do país. Sofreu um grave acidente na infância que resultou na amputação de parte de sua perna direita.

Um dos grandes nomes do esporte surdo no Brasil. Bicampeã mundial de futsal pela Seleção Brasileira de Surdos e eleita melhor jogadora do Mundial de 2015, ela também integrou o elenco do Palmeiras, onde ajudou a ampliar a visibilidade de atletas surdos no futebol profissional.

Professora e ativista, pioneira na inclusão de pessoas cegas e com baixa visão, comunidade da qual fazia parte como mulher cega. Atuou na criação de políticas públicas, produção de materiais em Braille e iniciativas de integração educacional e profissional, tornando-se uma referência em acessibilidade.

Educadora popular e inclusiva desde 2014, pedagoga e criadora e administradora do perfil @umamaepretaeautistafalando, espaço em que compartilha sua experiência como mulher preta com diagnóstico de autismo tardio e mãe neurodivergente. Atua no ativismo anticapacitista e antirracista.





**Após realizar a leitura das biografias,
responda as seguintes perguntas:**

VOCÊ CONHECE ESSES CORDÕES

E SEUS SIGNIFICADOS?

CORDÃO GIRASSOL

Representa uma deficiência oculta, como autismo, surdez parcial, epilepsia ou doenças crônicas.

Indicado para sinalizar que a pessoa pode precisar de compreensão e apoio adicionais.

CORDÃO QUEBRA-CABEÇA

Representa o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Sinaliza que a pessoa pode ter desafios de comunicação, interação ou sensibilidade sensorial.

CORDÃO INFINITO

Representa a Neurodiversidade. Utilizado para valorizar e afirmar o respeito à diversidade neurológica, sem focar em uma condição específica.



GOIANA

Acessibilidade é a garantia de que pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida possam utilizar, com autonomia e segurança, espaços, serviços e comunicações, sejam públicos ou privados, tanto na área urbana quanto na rural. A legislação foca na eliminação de barreiras e abrange:

- Desenho Universal: Produtos e ambientes concebidos para todos.
- Tecnologia Assistiva: Ferramentas para aumentar a funcionalidade.
- Adaptações Razoáveis: Ajustes quando o desenho universal não é viável.





Momento de prática

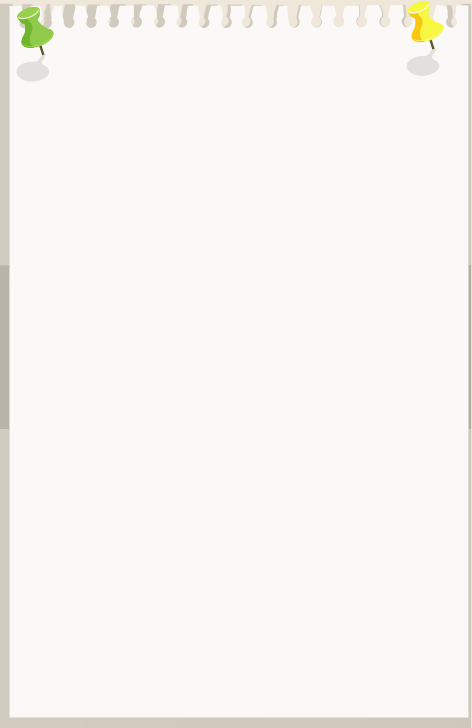
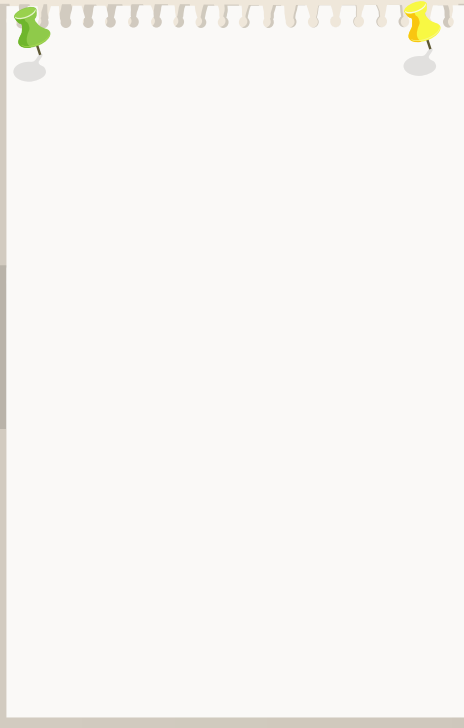
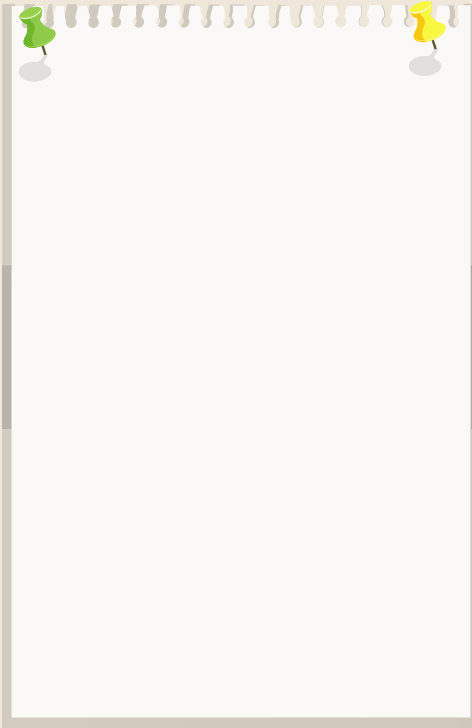
7. Agora, após realizar uma pesquisa, apresente outras três pessoas públicas/famosas que também são PcD.



ESPAÇO PARA AS FOTOS



ESPAÇO PARA AS BIOGRAFIAS



O gênero
textual

Folheto

Projeto inclusão que te quero ter

Quebrando Barreiras



A inclusão deve fazer parte da vida das pessoas com deficiência.

Participe da campanha, colabore com a conscientização e quebra das barreiras para a inserção das pessoas com deficiência de todas as formas. Conforme a Lei 13.146/2015, há 6 tipos de barreiras que podem estar relacionadas à vida das pessoas com deficiência:

1. **Barreiras Atitudinais:** atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas.
2. **Barreiras Tecnológicas:** as que dificultam ou impedem o acesso da pessoa com deficiência às tecnologias.
3. **Barreiras nas Comunicações e na Informação:** qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação.
4. **Barreiras nos Transportes:** as existentes nos sistemas e meios de transportes.
5. **Barreiras Urbanísticas:** as existentes nas vias e nos espaços públicos e privados abertos ao público ou de uso coletivo
6. **Barreiras Arquitetônicas:** as existentes nos edifícios públicos e privados.

O Ministério Público de Pernambuco está atento e atuante em relação às demandas das pessoas com deficiência. **Em caso de desrespeito, denuncie ao MPPE:**

Disque MPPE 127 (das 8h às 14h, em dias úteis)

Whatsapp Libras (81) 99316 2600 ou <https://bit.ly/ouvidoriamppe-libras>

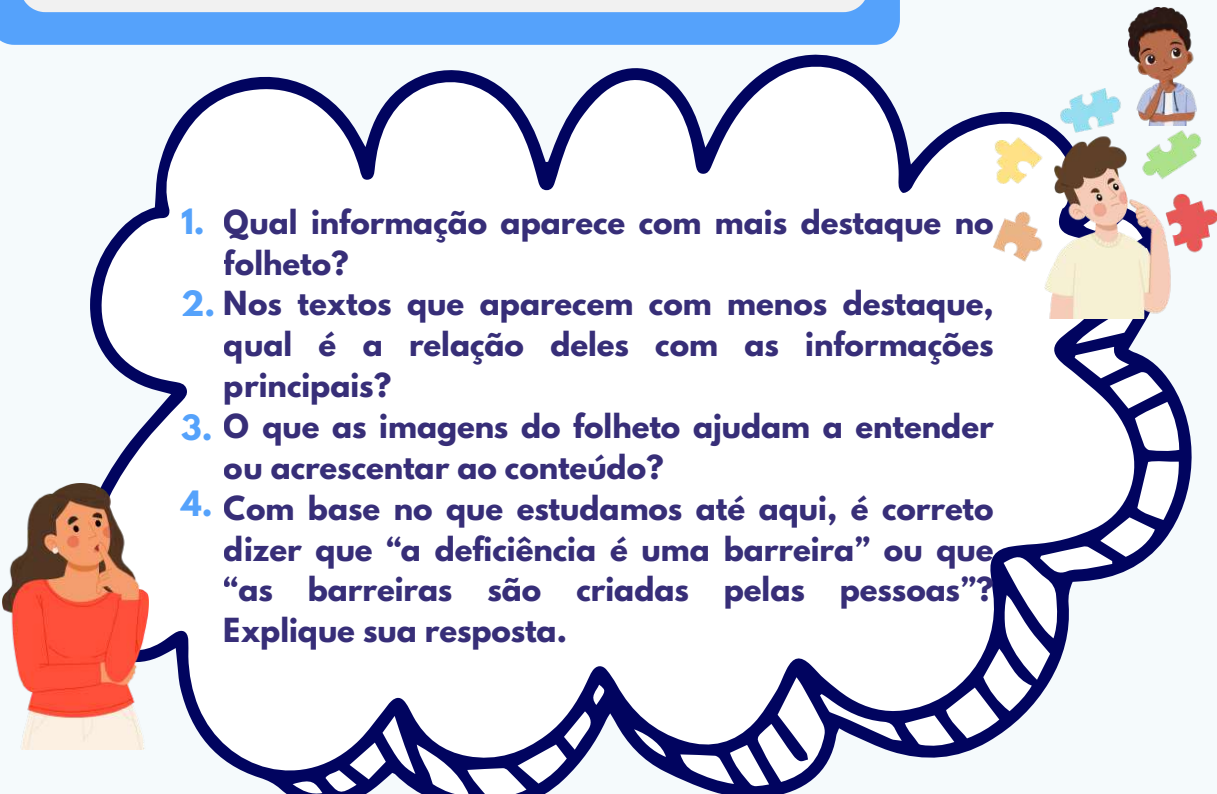
(apenas para atendimento em Libras - Língua Brasileira de Sinais)

www.mppe.mp.br



Ministério Público de Pernambuco

Em duplas, dialoguem sobre as perguntas. Em seguida, realizem a tarefa abaixo.

- 
1. Qual informação aparece com mais destaque no folheto?
 2. Nos textos que aparecem com menos destaque, qual é a relação deles com as informações principais?
 3. O que as imagens do folheto ajudam a entender ou acrescentar ao conteúdo?
 4. Com base no que estudamos até aqui, é correto dizer que “a deficiência é uma barreira” ou que “as barreiras são criadas pelas pessoas”? Explique sua resposta.

1. O folheto apresenta seis tipos de barreiras, mas não traz exemplos. Agora, em duplas, pesquisem exemplos que representam essas barreiras e compartilhem o que aprenderam com os demais.

Atitudinais**Tecnológicas****Comunicações****Transportes****Urbanísticas****Arquitetônicas**

O gênero textual

O que é o folheto?

O folheto é um gênero textual que transmite informações de maneira clara, direta e educativa. Ele é composto por textos curtos e imagens, projetado para ser fácil de entender e chamar a atenção do leitor. Geralmente, é usado para divulgar eventos, conscientizar sobre temas importantes ou instruir sobre algo. Por ser compacto, o folheto deve organizar bem as informações para que o leitor consiga compreender rapidamente sobre o assunto apresentado. Os folhetos podem ser utilizados para diversos fins: divulgar, conscientizar, e/ou sensibilizar o leitor, dentre outros.

Classifique os quatro folhetos a seguir de acordo com o seu principal objetivo:

A mentalidade capacitista sobre as pessoas com deficiência:

- identifica PCD como não capazes para gerir as próprias vidas;

- se materializa no preconceito, na exclusão, na falta de acessibilidade e na infantilização das PCD;

- vê a deficiência como algo a ser corrigido e adaptado.

“deficiência” está no modelo de organização de sociedades que constroem barreiras de exclusão, quando deveriam construir acessos de inclusão!

SETEMBRO VERDE

Mês de inclusão da Pessoa com Deficiência



Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência

O chamado Estatuto da Pessoa com Deficiência se trata da Lei nº 13.146/2015 tem por objetivo a promoção, em condições de igualdade, do exercício dos direitos e liberdades fundamentais pela pessoa com deficiência, por meio, principalmente, da inclusão social.

O dia nacional de Luta da Pessoa com deficiência, 21 de setembro, foi instituído por movimentos sociais em 1982, com o objetivo de promover e debater a inclusão social, originando a campanha setembro verde.

DIREITOS

- Direito à saúde
- Direito à educação
- Direito ao trabalho
- Direito a benefícios
- Transporte público

O que é capacitismo?

O capacitismo é o preconceito que tem como base a “capacidade” de outros seres humanos. O capacitismo caracteriza as pessoas com deficiência como inferiores, por causa de sua deficiência. Na visão capacitista, as pessoas com deficiência são incapazes de estudar, trabalhar, se relacionar com outras pessoas e outras tantas coisas naturais às pessoas típicas, ou seja, sem deficiência.



CRAS
CENTRO DE REFERÊNCIA
DA ASSISTÊNCIA SOCIAL

O gênero textual

Folheto para conscientizar: ()

Folheto de data comemorativa: ()

03



Folheto para sensibilizar: ()

Folheto de convite: ()

04



Onde circula?

Os folhetos são exibidos em locais de visibilidade pública. O local de circulação, normalmente, depende do conteúdo presente no folheto. Se for um folheto informando sobre uma campanha de vacinação, por exemplo, é comum que ele circule em ambientes como Unidades Básicas de Saúde (UBS). No entanto, isso não impede que folhetos com objetivos específicos circulem em outros ambientes. Assim, eles costumam ser encontrados em espaços públicos como ruas, praças, eventos, conferências, exposições, entre outros.



2. Selecione o objetivo dos folhetos anteriores:

☐	Conscientizar sobre a mentalidade capacitista
☐	Divulgar e apresentar evento
☐	Informar, conscientizar e promover a inclusão social das PcDs
☐	Conscientizar ao respeito das vagas reservadas para idosos e PcD

**3. Onde esses folhetos podem circular? Responda de acordo com o modelo:**

a) Anuncia serviços oferecidos, como cursos, workshops e outros cursos educacionais.

Resposta: *Escolas, centros universitários e outras instituições educacionais.*

b) Divulga descontos e promoções em lojas, supermercados e outros estabelecimentos comerciais.

c) Informa a população sobre emergências, como desastres naturais e cuidados com o meio ambiente.

d) Anuncia um evento cultural com exposições de arte e shows ao vivo.

e) Informa sobre hábitos saudáveis como higienização correta das mãos.



**O gênero
textual****Quais são suas características?**

A organização de um folheto é essencial para a eficácia da comunicação. Os elementos escritos e visuais são escolhidos cuidadosamente para atrair a atenção do público e eles compõem as principais características do gênero. No entanto, essa organização não segue uma estrutura fixa que deve ser aplicada a todos os folhetos. De modo geral, o folheto estará estruturado com os seguintes tópicos: título em destaque, imagens/ilustrações, texto escrito em 2º ou 3º plano, informações adicionais e elementos gráficos. As demais informações referem-se a logo do órgão ou empresa responsável pelo material.

Como identificá-lo?

Um folheto pode ser identificado pela sua função de divulgar, promover ou conscientizar algo. Caracteriza-se por seu design atrativo e formato geralmente grande, destinado a ser visto à distância. A presença de um título marcante, imagens e textos informativos são características típicas.

Vamos exercitar? Neste momento, você vai elaborar um folheto com o objetivo de conscientizar outras pessoas sobre os temas listados a seguir. No entanto, antes disso será necessário estudo. Assim, será necessário realizar uma pesquisa sobre o seu tema. Depois de construir o seu próprio folheto, deverá apresentá-lo aos demais justificando os recursos utilizados na construção do seu texto. Use a criatividade!

- 1) Deficiência física
- 2) Deficiência auditiva
- 3) Surdez
- 4) Deficiência visual
- 5) Baixa visão
- 6) Deficiência intelectual
- 7) Deficiências múltiplas
- 8) Transtornos Globais do Desenvolvimento



O gênero textual

Estrutura do folheto

É relevante dominar as características estruturais do gênero. Afinal, são esses recursos que irão ajudar você a identificá-lo quando tiver contato com ele.

- **Título ou texto em destaque:** atrativo, grande e objetivo;
- **Texto informativo:** objetivo e contém uma mensagem principal;
- **Imagem/ilustração:** relacionada ao conteúdo, pode estar ou não destacado;
- **Entidade responsável:** empresa privada ou órgão público;
- **Elementos gráficos:** cores, fontes e *layout* que aumentem a atração visual;
- **Informações adicionais:** dados importantes, como contatos, datas e locais.

Identificando a estrutura no próprio folheto

- **Título:** “Projeto inclusão que te quero ter: Quebrando Barreiras”
- **Texto informativo:** sobre inclusão e os tipos de barreiras que atravessam as vidas das PcDs;
- **Imagem/ilustração:** representação de pessoas com deficiência;
- **Entidade responsável:** Ministério Público de Pernambuco;
- **Elementos gráficos:** títulos em negrito e de cor azul escuro e texto informativo de cor preta;
- **Informações adicionais:** Disque MPPE, whatsapp libras e site.



Projeto inclusão que te quero ter
Quebrando Barreiras

A inclusão deve fazer parte da vida das pessoas com deficiência.

Participe da campanha, colabore com a conscientização e quebra das barreiras para a inserção das pessoas com deficiência de todas as formas. Conforme a Lei 13.146/2015, há 6 tipos de barreiras que podem estar relacionadas à vida das pessoas com deficiência:

1. **Barreiras Atitudinais:** atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas.
2. **Barreiras Tecnológicas:** as que dificultam ou impedem o acesso da pessoa com deficiência às tecnologias.
3. **Barreiras nas Comunicações e na Informação:** qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação.
4. **Barreiras nos Transportes:** as existentes nos sistemas e meios de transportes.
5. **Barreiras Urbanísticas:** as existentes nas vias e nos espaços públicos e privados abertos ao público ou de uso coletivo
6. **Barreiras Arquitetônicas:** as existentes nos edifícios públicos e privados.

O Ministério Público de Pernambuco está atento e atuante em relação às demandas das pessoas com deficiência. **Em caso de desrespeito, denuncie ao MPPE:**

Disque MPPE 127 (das 8h às 14h, em dias úteis)
Whatsapp Libras (81) 99316 2600 ou <https://bit.ly/ouvidoriamppe-libras>
(apenas para atendimento em Libras - Língua Brasileira de Sinais)
www.mppe.mp.br

MPPE
Ministério Público de Pernambuco

Chegou a sua vez de identificar a estrutura do próximo folheto:

- Título ou texto em destaque:

- Texto informativo:

- Imagem/ilustração:

- Entidade responsável:

- Elementos gráficos:

- Informações adicionais:



S
I
G
N
I
F
I
C
A
D
O

Inclusão é o resultado Inclusão é o ato de incluir e acrescentar, ou seja, adicionar coisas ou pessoas em grupos e núcleos que antes não faziam parte. A inclusão, segundo a lei brasileira, são os direitos que garantem a plena participação de pessoas com deficiência na sociedade, eliminando barreiras e assegurando igualdade de oportunidades. O foco não é a deficiência, mas a remoção de barreiras físicas e sociais.

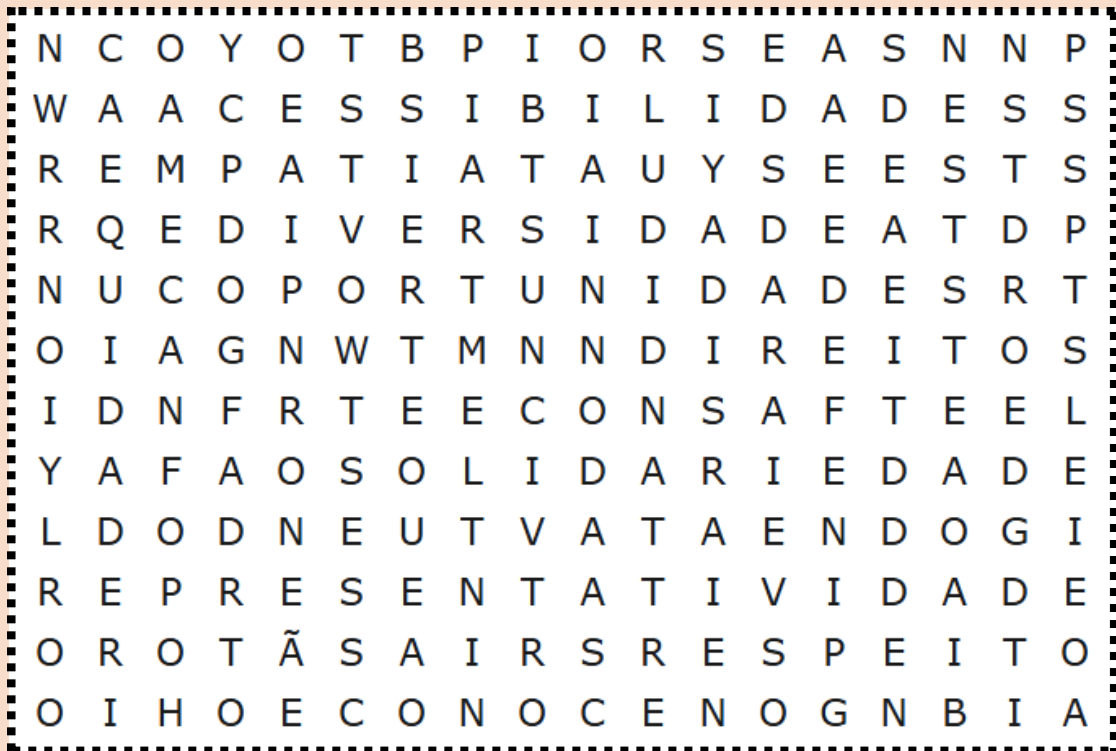
Fonte: Lei nº 13.146/2015 - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), adaptada.





Momento de prática

1. No caça palavras abaixo há 10 palavras que estão incluídas no vocabulário associado à inclusão estudados neste material. Vamos encontrá-las?



2. Em seguida, escolha uma das palavras que você considera importante para promover a inclusão: _____

3. Faça um desenho que represente a sua escolha e apresente aos demais.





Momento de reflexão

A professora Jaky tem algumas informações importantes sobre o folheto. Preste muita atenção ao que você vai estudar agora.

Vamos conversar um pouquinho sobre como os gêneros textuais mudam quando são adaptados para o ambiente digital?



Embora a essência de cada gênero continue a mesma, o formato, a linguagem e até mesmo a função podem se transformar de acordo com o ambiente que o texto circula.

Figura 1 - folheto impresso: é aquele que pode ser tocado com as mãos. Ele oferece uma experiência sensorial, com textura, cheiro de papel e acabamento gráfico que podem causar uma impressão e visualização mais duradoura. É ideal para distribuição em espaços públicos e eventos. No entanto, ele exige custos de produção, como designer gráfico, impressão, papel, transporte, distribuição física e alcance limitado com o público-alvo. Observe o exemplo abaixo:





Momento de reflexão

Figura 2 - folheto digital: é distribuído por meios eletrônicos, como e-mail, redes sociais ou sites. Ele permite interatividade, podendo conter links, vídeos, animações e até formulários. Pode ser atualizado facilmente e redistribuído sem custos adicionais. Seu alcance é global e sustentável, pois não utiliza papel e tinta. Por outro lado, o conteúdo digital pode competir com outras distrações na tela, como notificações e abas abertas, o que pode reduzir a atenção do leitores. Além disso, nem todos têm acesso fácil à tecnologia ou familiaridade com dispositivos digitais. Veja o exemplo:



Analisando o folheto:

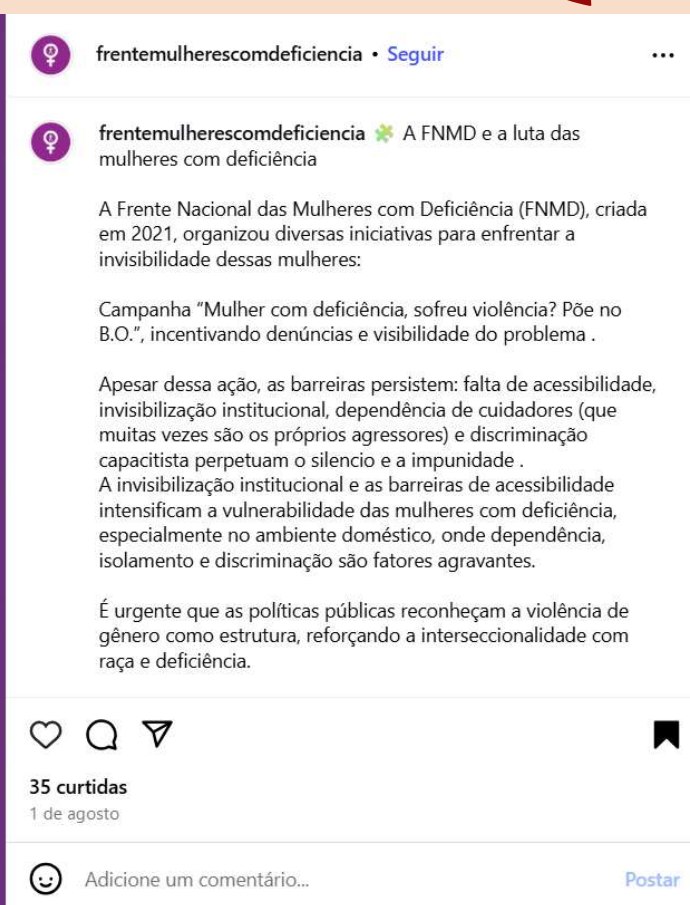
1. Por que o folheto destaca a importância de observar o contato visual dos bebês?
2. Qual comportamento descrito indica sensibilidade a estímulos auditivos?
3. O folheto sugere que todas as crianças que apresentam esses sinais têm autismo? Explique.
4. O uso de ícones ao lado de cada sinal contribui para a compreensão? Por quê?
5. O folheto parece direcionado a quais públicos? Explique.

6. Como a escolha de cores e personagens infantis influencia a forma como a mensagem é recebida?
7. De que forma o folheto pode ajudar na identificação precoce do autismo?
8. Quais seriam cuidados importantes ao interpretar essas informações para evitar preconceitos ou diagnósticos precipitados? Explique a sua resposta.
9. De que maneira o título em letras grandes e coloridas contribui para chamar a atenção do leitor e destacar o tema do folheto?
10. De que forma o folheto equilibra informações técnicas e linguagem acessível para alcançar diferentes públicos?



Momento de reflexão

Quando um folheto é publicado nas redes sociais, ele costuma vir com uma legenda, que é o texto que aparece logo abaixo da imagem. Essa legenda apresenta o tema da postagem e ajuda o leitor a entender rapidamente sobre o que o folheto fala. Geralmente, ela é curta, direta e combina com o estilo da plataforma onde o folheto foi publicado. Vejamos como isso funciona na prática.



Sobre o folheto

- Qual é a mensagem principal que o folheto quer transmitir?
- Quem é o público que o folheto pretende alcançar?
- Que problema, situação ou tema o folheto destaca?
- Como as imagens ajudam a reforçar a mensagem?
- Qual frase ou informação do folheto causa maior impacto e por quê?
- Quais sentimentos ou reações o folheto tenta provocar no leitor?

Sobre a legenda

- O que a legenda explica ou acrescenta ao conteúdo do folheto?
- A legenda reforça alguma ideia importante do folheto? Qual?
- A linguagem da legenda combina com o público da plataforma onde foi publicada?
- Como a legenda e o folheto se completam para transmitir a mensagem?
- Se você visse essa postagem na sua rede social, a legenda chamaria sua atenção? Por quê?





Momento de prática

Organizem-se individualmente e leiam as instruções para iniciar a produção do folheto na versão digital.

1. Defina o objetivo do seu folheto

Antes de começar a escrever, pense: O que eu quero comunicar? Você pode escolher temas como:

- um direito das pessoas com deficiência;
- um tipo de barreira e como superá-la;
- atitudes anticapacitistas;
- ações de inclusão na escola ou na comunidade e outros.

Escreva uma frase que mostre o objetivo do seu folheto.



2. Considere o público que vai ler

Decida para quem o folheto será feito. Isso ajuda você a escolher a melhor forma de explicar o assunto: colegas da escola; professores; familiares e/ou comunidade.

3. Organize as informações

Lembre-se que o seu folheto deve ter:

- Título chamativo curto e direto;
- Texto que explique o tema com clareza, frases curtas e objetivas.
- Informações extras;
- Mensagem final;
- Use linguagem inclusive: pessoa com deficiência (PcD), valorizando respeito, autonomia e diversidade dessa comunidade.

4. Capriche nos elementos visuais

O folheto é um gênero que mistura texto escrito e textos visuais. Por isso:

- escolha imagens que ajudem a entender o conteúdo;
- use cores que facilitem a leitura;
- organize o texto em blocos ou tópicos;

Os recursos visuais devem complementar o texto, não são apenas para decorar.





Momento de prática

5. Criando o folheto no Canva

Você pode produzir seu folheto usando ferramentas digitais como o Canva.

- escolher modelos prontos de folheto e editá-los de acordo com os seus interesses;
- mudar cores, fontes, elementos e imagens;
- organizar o texto de forma clara;
- baixar o arquivo pronto em vários formatos (JPG; PDF e outros);
- possui aplicativo para editar a imagem no celular.

6. Escolhendo onde publicar

Depois de criar o folheto, você pode divulgá-lo em plataformas digitais. Escolha o lugar pensando em quem vai ler. Sempre pense: Quem é o público que eu quero atingir? A plataforma deve combinar com esse público.

- Instagram: bom para alcançar jovens e adultos;
- WhatsApp: ideal para compartilhar com grupos da escola, família ou comunidade.
- Site ou página da escola: ótimo para divulgar para toda a comunidade.

7. Cuidados de netiqueta (boa convivência na internet)

Ao publicar seu folheto, siga algumas regras importantes:

- escreva com respeito e clareza;
- não use linguagem ofensiva ou preconceituosa;
- verifique se as informações são verdadeiras;
- não compartilhe fotos de pessoas sem autorização, exceto quando forem imagens de uso público;
- evite mensagens que possam causar confusão ou desinformação.



A netiqueta ajuda a manter a internet um espaço seguro, respeitoso e inclusivo.

8. Compartilhe seu folheto

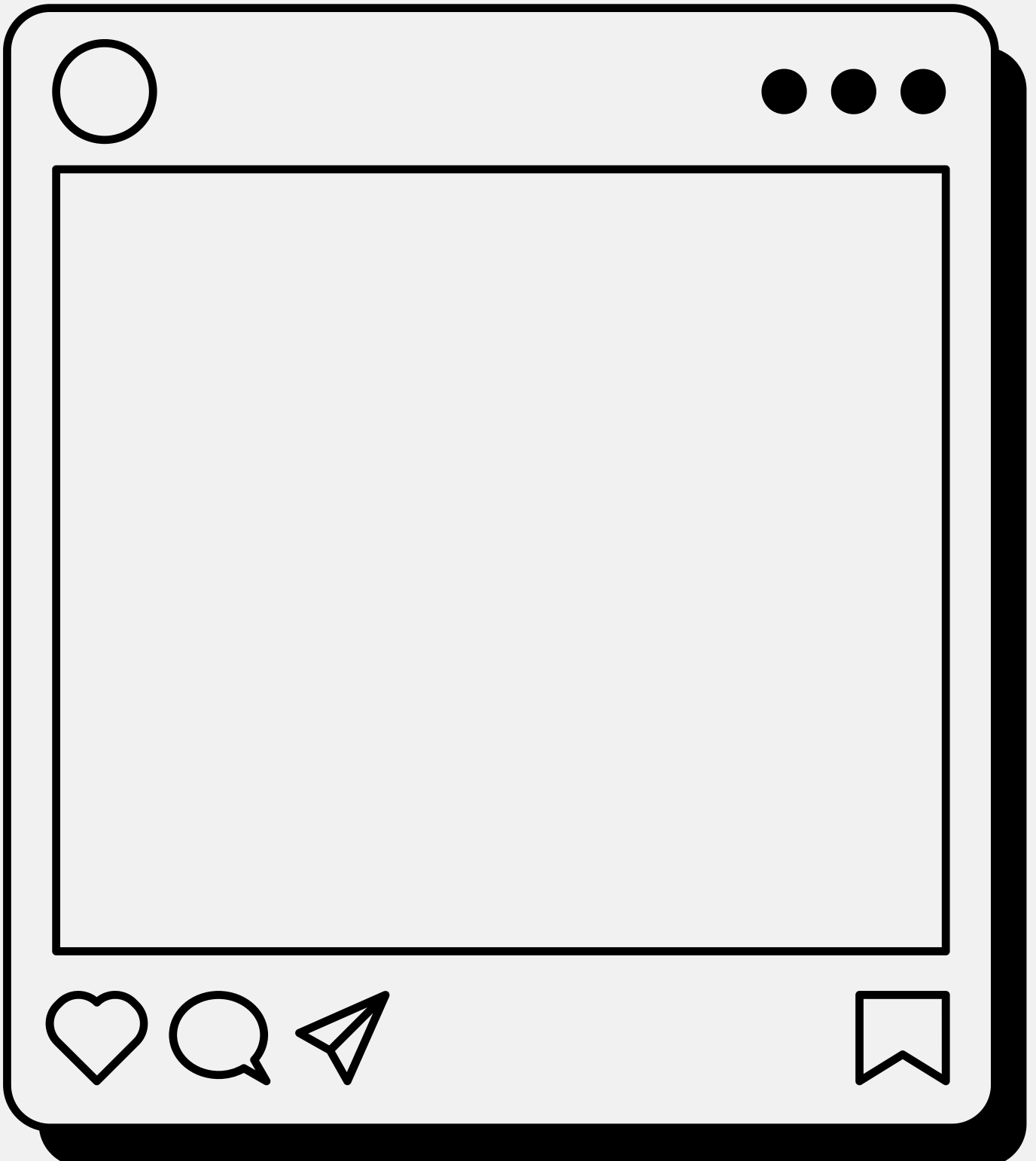
Depois de revisado, você vai apresentar primeiro o seu folheto para a turma. Explique o tema escolhido, quais elementos utilizou para transmitir a mensagem e por que ele é importante para promover a inclusão e anticapacitismo. Depois, conforme orientação do professor, a publicação será realizada nas plataformas digitais.





Momento de prática

Agora, você vai produzir o seu próprio folheto na versão digital. Vamos colaborar para a construção de uma sociedade anticapacitista? Use a criatividade!



Como diferenciar o gênero folheto de outros gêneros textuais semelhantes?



Versão impressa



Versão digital

Folheto: Um pouco mais amplo, embora também apresente um conteúdo objetivo. Esse gênero, geralmente, tem natureza educativa e/ou instrucional. Este gênero também é conhecido como “panfleto”. Por isso, as pessoas que entregam folhetos na rua estão fazendo “panfletagem”.



Fonte: Site da Prefeitura de Aparecida -SP, foto de Jhonney Macena, 2024.

Versão impressa e confeccionada à mão

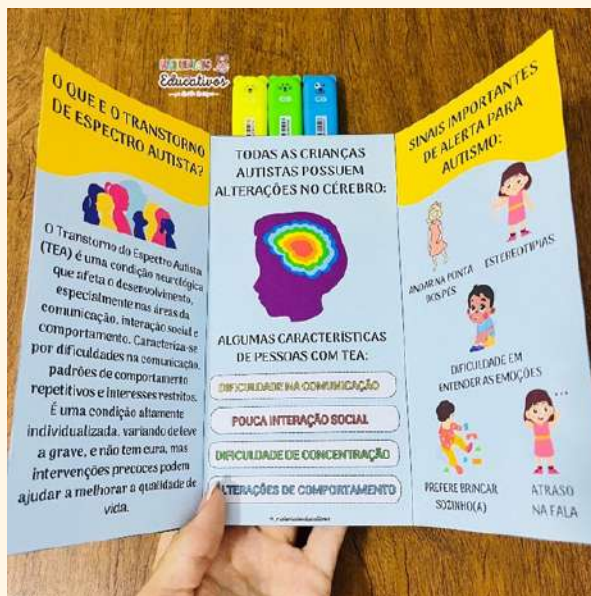


Versão digital

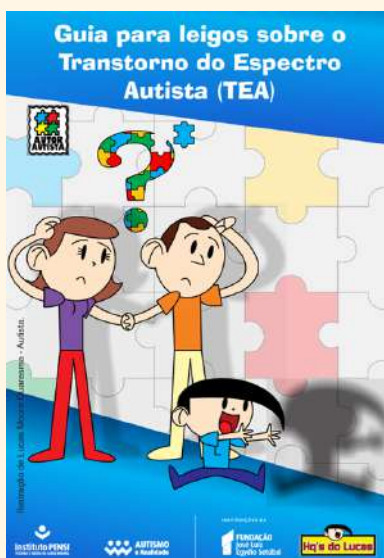
Cartaz: Costuma ser mais curto que os demais gêneros aqui mencionados e possui linguagem objetiva. O conteúdo deve ser de rápida absorção.



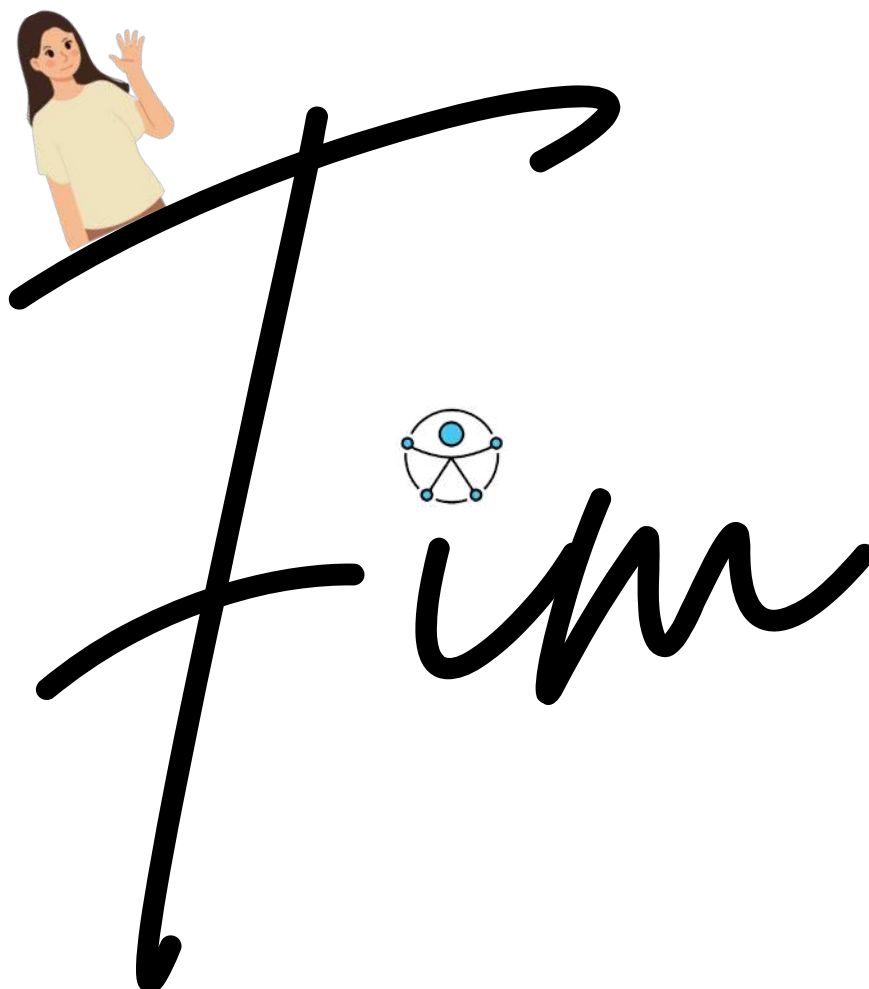
Como diferenciar o gênero folheto de outros gêneros textuais semelhantes?



Folder: é um material impresso informativo ou publicitário, composto por uma folha com uma ou mais dobras, projetado para divulgar produtos, serviços ou ideias de forma organizada e visualmente atraente. Derivado do inglês "*to fold*" (dobrar), combina recursos verbais e não verbais, com linguagem objetiva e direta.



Cartilha: Geralmente, são livros curtos e possuem instruções educativas sobre o conteúdo abordado. Costuma ser uma publicação não periódica, com linguagem simples, dinâmica e visual (verbal e não verbal), focada em transmitir informações práticas ou pedagógicas sobre um tema específico.



Contato: jakellinyalmeida@hotmail.com

